

ILUSTRAÇÃO



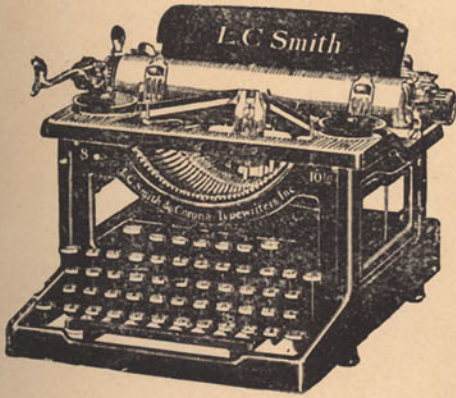
4.º ANO N.º 74

LISBOA
16 de Janeiro
1929

PREÇO: 4\$00

L C SMITH

(L C SMITH & BROS)



A MAQUINA DE ESCREVER QUE, PELA SUA RESISTENCIA E RAPIDEZ, TODOS PREFEREM

CADA BARRA DE TIPO TRABALHA COM ROLAMENTO DE ESFERAS

Pedir catalogos e detalhes aos representantes exclusivos para Portugal e Colonias

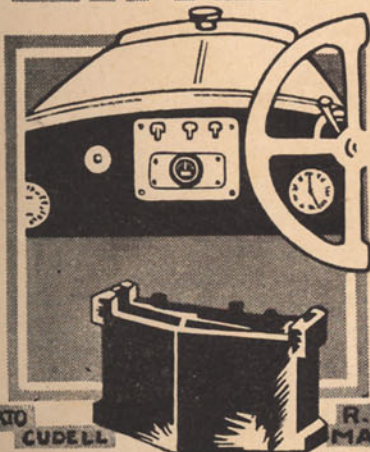
THE MODERN OFFICE LTD.

107, RUA DO ALECRIM, 109

TELEPHONE Trindade 66

Exide

THE LONG LIFE BATTERY



Eng.

ROBERTO

CUDELL

Porto

R. PA//O/ MANOEL

REPRESENTANTE EXCLUSIVO

SUPERIOR AOS MELHORES!!!

- Na aceleração fulminante!!!
- No prazer de o conduzir!!!
- No consumo diminuto!!!
- No silêncio incomparável!!!
- Na travagem suave e eficaz!!!
- Na sua mais que comprovada resistência!!!

Chrysler

Todas estas qualidades por preços mais que razoáveis.

Para entrega os novos modelos **1929**

Maravilhas de bom gosto, elegância e originalidade!!!

A CASA MAIS ANTIGA DO PAÍS E A ÚNICA QUE TEM STOCK DE PEÇAS DA ORIGEM PARA OS CARRÓS QUE VENDE

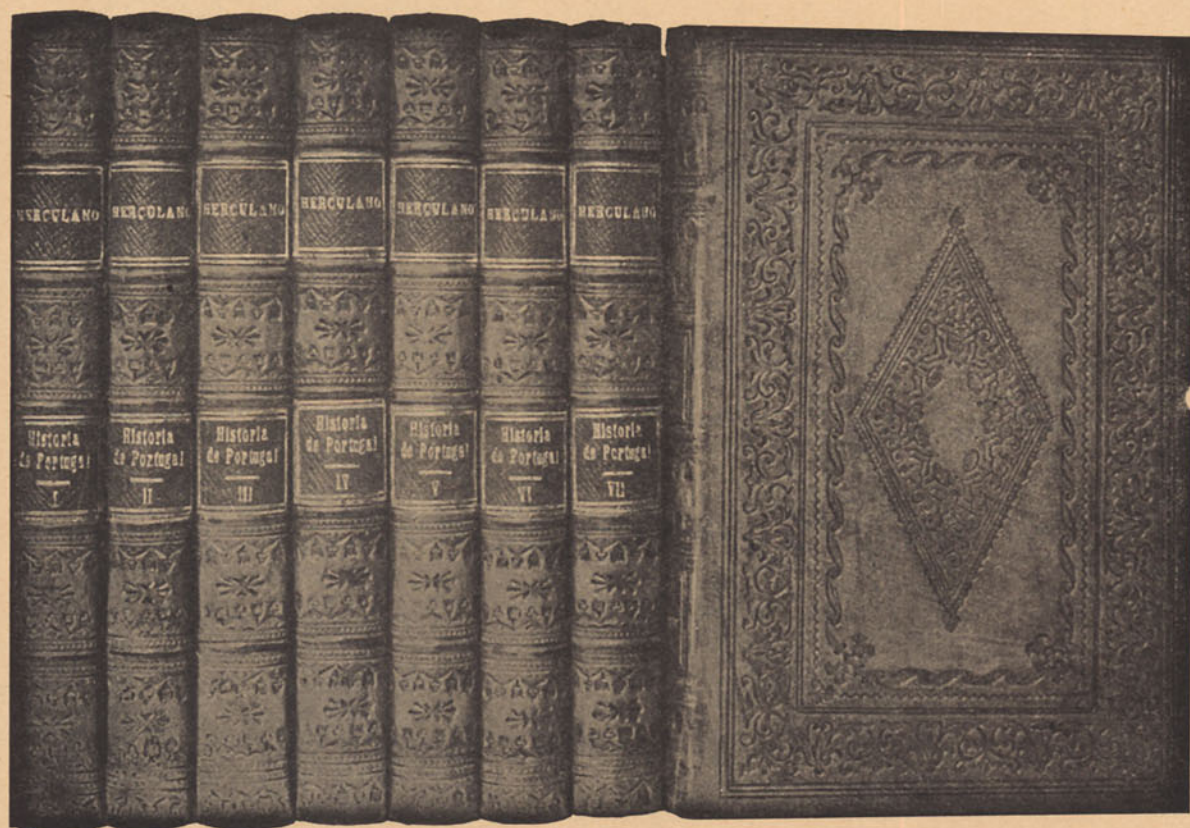
A. BEAUVALET — Rua 1.º de Dezembro, 137 — LISBOA
ANGEL BEAUVALET — Rua de St.ª Catarina, 130, 2.º — PORTO

HISTORIA DE PORTUGAL

POR

ALEXANDRE HERCULANO

EDIÇÃO ILUSTRADA



em 8 volumes no formato 12x18, impresso em esplendido papel, publicandose um volume mensal

ACEITAM-SE ASSINATURAS DESDE O INICIO

POR ASSINATURA: O pagamento aos tomos faculta a quem o desejar, a aquisição desta obra monumental, pouco a pouco, sem qualquer encargo pesado

CONTINENTE E ILHAS — incluindo despesas de correio, cobrança e embalagem, cada volume em brochura..... Esc. 10\$00
 Idem encadernado em percalinha com ferros especiais e letras a ouro..... Esc. 14\$00
 Idem, encadernado em carneira gravada à antiga portuguesa, com folhas pintadas a encarnado Esc. 25\$00

BRAZIL, — incluindo despesas do correio :
 Brochado Esc. 12\$40
 Encadernado em percalina..... Esc. 16\$40
 » » carneira Esc. 27\$40

COLÓNIAS PORTUGUESAS — Pagamento adeantado —
 Incluindo despesas de correio, cobrança e embalagem, os mesmos preços do Continente e Ilhas.

Os pedidos de assinaturas devem ser pedidos aos editores:

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

VOGA

A MAIS BELA REVISTA FEMININA
 : : : DA PENÍNSULA : : :

Vejam a nova fase desta revista que, pelo seu contracto especial com a *VOGUE*, publicação de fama mundial, publica os mesmos desenhos, moldes e artigos do que aquela revista e nos mesmos dias em que elles aparecem em *Londres* e *Paris*.

Voga DUPLICOU o número das suas páginas, melhorou o seu papel, aspecto gráfico e gravuras.

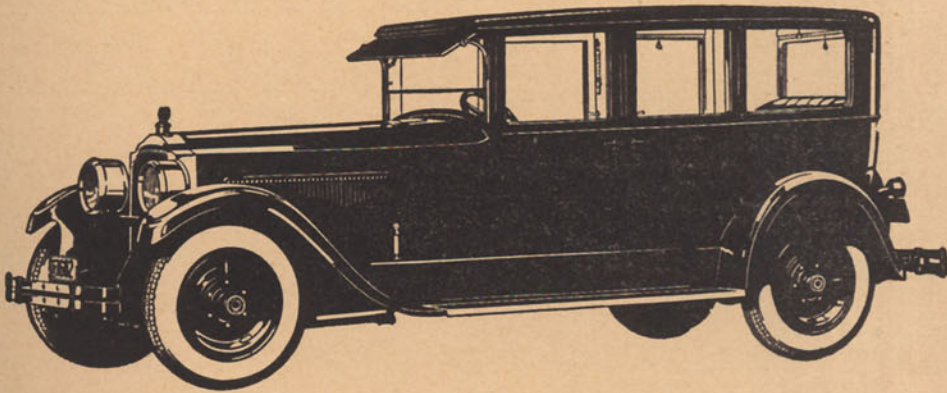
VEJAM O NÚMERO À VENDA

SAI A 10 E 25 DE CADA MÊS

Packard

SÓ FABRICA CARROS DE 8 CILINDROS CHASSIS CURTO
CHASSIS LONGO

O MAIS ELEGANTE DOS CARROS



MODELOS 1929 JÁ A VENDA

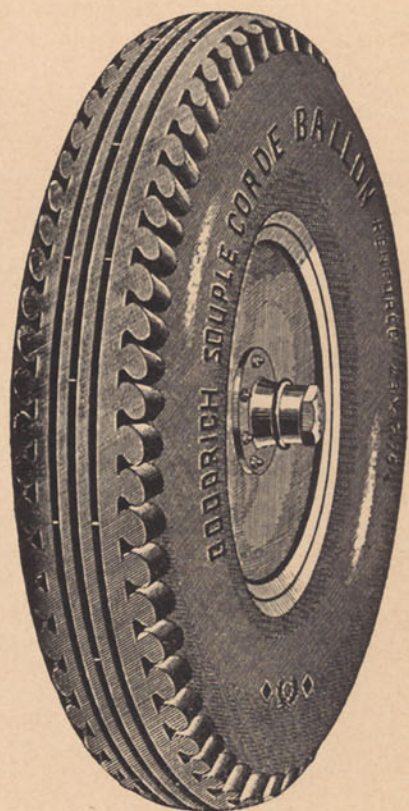


PEDIR INFORMAÇÕES E VISITAR O NOSSO

SALÃO DE EXPOSIÇÃO:
4, Praça Duque da Terceira (Cais do Sodré)

AGENTES GERAIS

OREY ANTUNES & C.^A L.^{DA}
LISBOA—PORTO



GOODRICH

O PNEUMATICO MAIS
RESISTENTE E DE
MAIOR RENDIMENTO

AGENTES GERAIS:

OREY, ANTUNES & C.^A L.^{DA}

4, P. Duque da Terceira

59, Avenida dos Aliados

LISBOA

PORTO

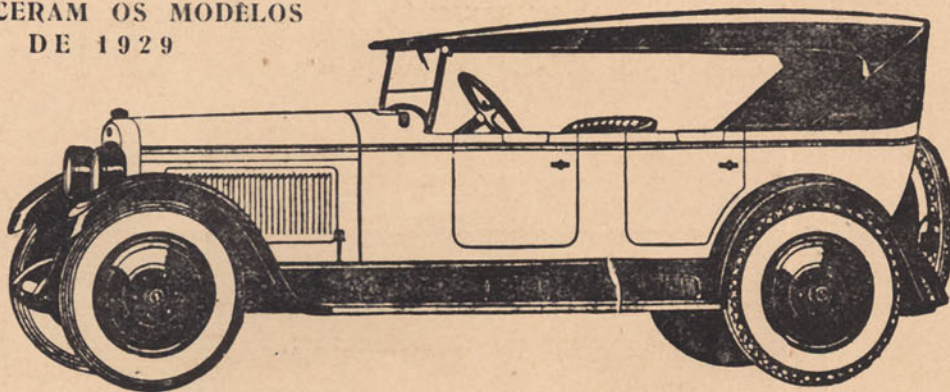
OS MAIS PRATICOS E RESISTENTES

AUTOMOVEIS

— DIVERSOS TIPOS —

O CARRO UTILITÁRIO

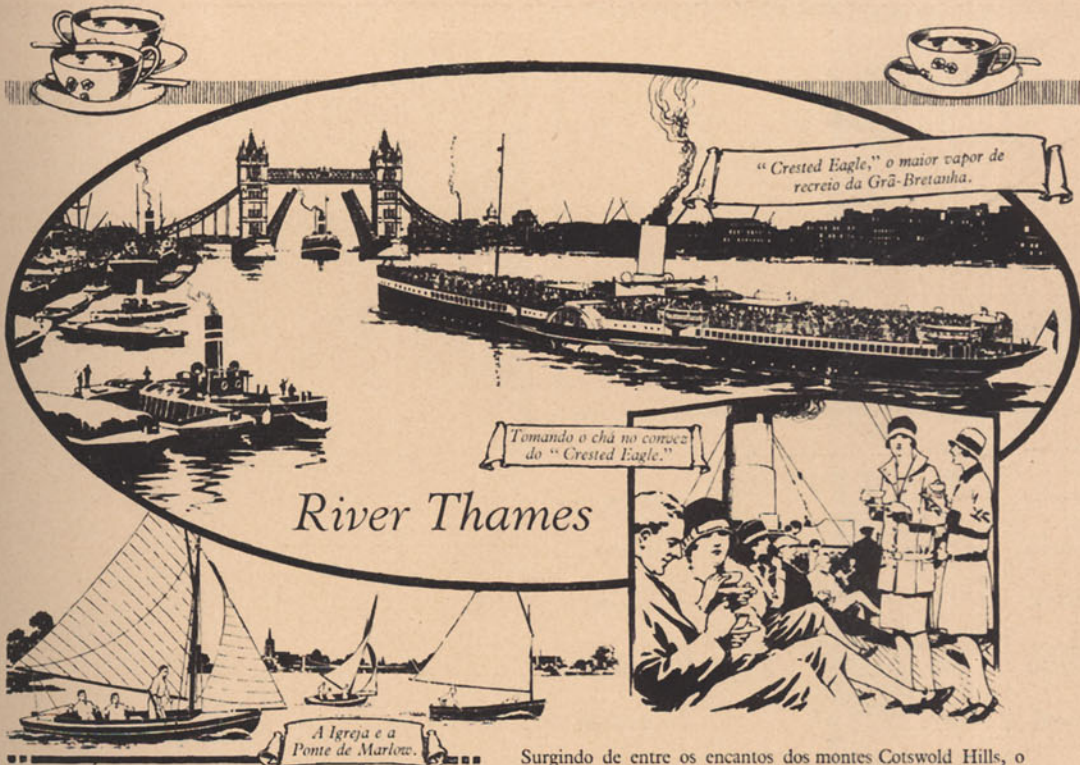
APARECERAM OS MODELOS
DE 1929



AGENTES GERAIS: OREY, ANTUNES & C.^A L.^{DA}

4, Praça Duque da Terceira — LISBOA

59, Avenida dos Aliados — PORTO



Surgindo de entre os encantos dos montes Cotswold Hills, o Tamisa corre por terras que apresentam paisagens das mais variadas que se podem encontrar em Inglaterra, passando pelo Castelo Windsor, residência de campo de Sua Magestade o Rei, e por Maidenhead, lugar onde acode toda a sociedade elegante, até que, ao aproximar-se de Londres, perde a sua aprazível calma, e ao chegar à altura das docas, alcança o seu renome como pórto mais importante de Inglaterra, com mais movimento marítimo e de carga do que qualquer outro pórto do mundo.

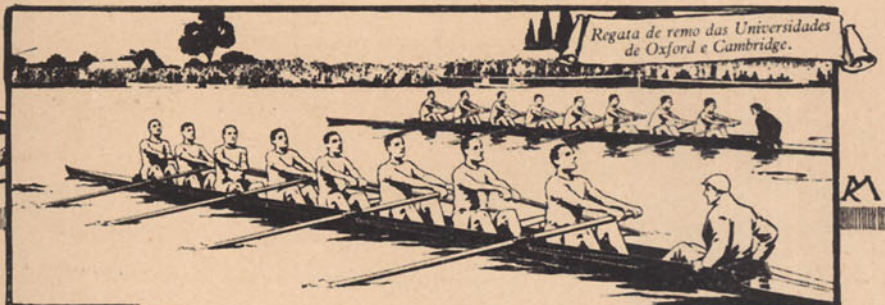
Para o Londrino, o passar um dia no “Rio”—nenhúm inglês diria o “Tamisa,” visto que para eles não ha outro “Rio”—representa muito mais do que um mero dia de recreio.

O sair de Londres num dia de verão, de calor sufocante, e fugir do bulício das ruas, do ruído do tráfico, do pó e do calor, para passar uma tarde inteira de repouso nas macias almofadas dum barco de recreio, fundeado à sombra de velhos e grandes olmos, ou descendo tranquilamente com a corrente, é para a mente uma distração tão vivificante como o é para o corpo uma chávena do refrescante e fortificante

CHÁ HORNIMAN

invariavel concomitante de tal excursão.

A Casa Horniman fornece todos os Estabelecimentos de importância e goza de fama na Grã-Bretanha ha mais de 100 anos. O chá Horniman prepara-se expressamente para V. Sa., do mesmo modo que para todos os países do mundo, em recipientes de diversos tamanhos preparados conforme as necessidades do comprador.



Lave, ondule
e córte o seu cabelo

NA

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

Avenida, 35 — LISBOA



MAGAZINE

BERTRAND

CONTINUA A MANTER
A SUA SUPREMACIA

VEJAM O NÚMERO DE JANEIRO

UM GRAMOFONE:

UMA VULGARIDADE!

UM "BOM" GRAMOFONE:

UMA PRECIOSIDADE!!

Se é possível que ainda o não possúa, queira V. Ex.^a adquirir
UM BOM GRAMOFONE, MARCA:

"His Master's Voice"

Digne-se V. Ex.^a ouvir as últimas novidades em

DISCOS PORTUGUÊSES

do último suplemento, onde ha verdadeiros mimos, tanto vocaes, como
instrumentaes.



AGENTES EXCLUSIVOS:

GRANDE BAZAR DO PORTO

LISBOA

PORTO

150, R. Augusta, 152

192, R. St.^a Catarina, 198

J. MONTEIRO & SCHWALBACH

NOVO ATLAS
UNIVERSAL
DE
GEOGRAFIA E HISTÓRIA

LIVRARIAS AILLAUD & BERTRAND

O NOVO
ATLAS
UNIVERSAL

DE

GEOGRAFIA
E HISTÓRIA

POR

J. MONTEIRO E L. SCHWALBACH

131 MAPAS

O mais completo e barato de todos os Atlas nacionais e estrangeiros, indispensavel a todos que se dedicam a assuntos geograficos e historicos, possuindo incontestavel valor:

- a) *PARA OS ENGENHEIROS, COMERCIANTES AGRICULTORES E INDUSTRIAIS:*
(Os mais recentes e sugestivos gráficos referentes à produção mineira, vegetal e animal: Portugal agrícola, geológico e mineiro; Planisfério com estações rádiotelegraficas.)
- b) *PARA OS CARTÓGRAFOS:*
(Teoria das projecções mais usadas em geografia.)
- c) *PARA OS FILOLOGOS:*
(Portugal dialectológico, mapa elaborado pelo Dr. José Leite de Vasconcelos, segundo os mais recentes dados.)
- d) *PARA OS COLONIAIS:*
(Numerosos mapas das colónias portuguesas.)

Pela primeira vez aparecem os mapas relativos ás conquistas portuguesas em Marrocos, (sob a direcção do Dr. David Lopes) e as grandes regiões e sistemas de montanhas da Peninsula Iberica. No mapa politico de Portugal já figura o novo distrito de Setubal

PREÇO: 50\$00 ESCUDOS

PEDIDOS ÀS LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

VOGA

A GRANDE REVISTA DE ELEGANCIA, MODAS E BELEZA
PROMOVE O

SALÃO DE PRIMAVERA DA ELEGANCIA FEMININA, ARTES INDUSTRIAIS E DECORATIVAS NO PALACIO DE CRISTAL DO PORTO

Sob o patrocínio dos ilustres organismos económicos do Norte, ILUSTRAÇÃO, MAGAZINE
BERTRAND e os seus editores
a grande firma **AILLAUD LTD.** (Livrarias Aillaud & Bertrand)

ESTÁ ABERTA A INSCRIÇÃO PARA ESTE CERTAME QUE, A SEMELHANÇA
DO **SALÃO DE OUTONO DA ELEGANCIA FEMININA E ARTES
DECORATIVAS**, PROMOVIDO PELA «VOGA», NO PALÁCIO
DE BELAS ARTES DE LISBOA,
OBTERÁ

**O MAIOR ÊXITO ECONÓMICO, PUBLICITARIO E ARTÍSTICO,
SENDO UM VERDADEIRO ACONTECIMENTO NACIONAL**

As primeiras casas a inscrever-se definitivamente em lugares de destaque foram

GRANDE BAZAR DO PORTO LTD. (LISBOA-PORTO), representantes da colossal marca
de gramofones e discos HIS MASTER'S VOICE

SANTOS & JÚLIO, COSTUREIROS, criadores de Modas — (R. Nova do Almada — LISBOA)

HENRI MANUEL (Fotógrafo de Arte, Moda e Elegâncias) — PARIS

Tôdas as informações nas redacções de *Voga, Magazine Bertrand e Ilustração* (Telef. N. 873) ou no

BUREAU DA EXPOSIÇÃO:

AVENIDA DOS ALIADOS, 71, 1.º — PORTO — Telefone: 4909 (Porto)

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
TIPOGRAFIA
DA «ILUSTRAÇÃO»
R. d'Alegria, 30 — Lisboa
REDACÇÃO
R. Cecílio de Sousa, 77-1.º
(Ant. R. da Procissão)
Telef. N. 873

ILUSTRAÇÃO

PROPRIEDADE E EDIÇÃO:

AILLAUD, I.ª

R. Garrett, 73, 75—Lisboa

ADMINISTRAÇÃO

Rua Anchieta, 25

Telef. C. 1084

DIRECTOR-DELEGADO:
JOÃO DA CUNHA DE BÇA

DIRECTOR:
JOÃO DE SOUSA FONSECA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

ANO 4.º — NÚMERO 74

16 DE JANEIRO DE 1929



O INÍCIO DO ANO DE 1929. — NO DIA DE ANO BOM REALIZARAM-SE AS PROTOCOLARES MANIFESTAÇÕES DE DESEJOS DE MELHOR ANO. — EM CIMA: O GOVERNO AO APRESENTAR OS SEUS CUMPRIMENTOS AO VENERANDO CHEFE DO ESTADO. — EM BAIXO: A COLÓNIA ITALIANA, NO ANO NOVO, MANIFESTANDO AS SUAS CONGRATULAÇÕES AO SEU NOVO MINISTRO.



CRONICA DA QUINZENA

Uma boa parte da quinzena foi, ainda, de «boas festas», tendo-se, tácitamente, convencionado que a discórdia e a desventura, por alguns dias, atreguaram com os míseros humanos. O conflito bolivio-paraguiano, a *escroquerie* de M.^{me} Hanau, a própria doença do rei Jorge de Inglaterra, por um momento foram deslembrados.

Ano novo — *Ano bom*: as duas expressões são — ou pretende-se que sejam — sinónimas. Isto corresponde a uma profunda e generalizada aspiração humana, sempre iludida e sempre renovada. Das duas grandes festas tradicionais — a do fim, e a do princípio do ano, — a do Natal é mais íntima, mais exclusiva — dela não participam os sem-família, — é quasi que uma festa de portas a dentro. Por isso, onde a vemos celebrada com maior fervor, é entre os povos do norte, onde existe o culto do *home* e do fogo.

A festa do Ano Bom tem maior amplitude, é uma festa de toda a gente, a todos interessando que o novo ano se mostre favorável; é, ao mesmo tempo, festa do lar e do *forum*, festa privada e festa pública, pois tanto diz respeito aos interesses particulares, como aos negócios públicos.

Dizem os eruditos que a palavra *estreia*, que antigamente significava os presentes que se ofereciam no dia de «ano bom» vem do nome da deusa *Strena* ou *Strenia*. Era-lhe consagrado um bosque onde, nos primeiros tempos de Roma, se iam cortar ramos de verbenha que, em circunstâncias especiais, tais como o primeiro dia do ano, eram enviados aos magistrados, como prova de deferência e sinal de bom agouro.

Que o vocábulo tenha esta origem é, pelo menos verosímil. Na língua francesa, a palavra *étrennes* é ainda usada com a mesma significação que tinha a nossa «estreia» na antiga linguagem portuguesa. E, se entre nós, o termo caiu em desuso neste sentido, a sua ligação com o primeiro do ano é bem visível no costume que persiste, de se estrear nesse dia qualquer coisa, seja uma peça ou acessório de vestuário, uma mobília nova, um apartamento renovado, ou uma nova moradia.

Mas, se a palavra pode ter tido esta origem, é mais que provável que o costume de dar as «boas festas», de se trocarem votos de prosperidade no primeiro de cada ano, deve vir de muito mais longe, e mais fundo; encontramos-lo em povos e climas os mais diversos, do extremo ocidente ao extremo oriente, sem embargo da data adoptada para começo do ano ter variado de povo para povo, e, no mesmo povo, de época para época.

A fixação do primeiro de Janeiro para começo do ano, nos países da Europa moderna, é uma coisa relativamente recente, em França desde 1654, na Inglaterra só a partir de 1752, não há ainda dois séculos.

As «boas festas» pelo ano novo são, pois, independentes das festas do equinócio, do solstício, do Natal, da Páscoa, e tantas outras, com que, por vezes coincidiram, mantendo, todavia, sempre, a sua característica própria: de votos manifestados às pessoas das relações de cada um — naturalmente, porque os criam eficazes — para que os deuses lhe fôsse propícios nos sucessos do novo ano.

Mostrando-se, assim, independente das condições do tempo e do lugar, a festa do «ano bom» deve ter a sua origem nalguma coisa inherente à própria natureza humana.

Antes de mais nada, notemos o seguinte facto: nos tempos em que a massa da nação não tomava parte alguma no governo dos seus próprios negócios, raras vezes ela deixava de ter motivos fortes, de descontentamento; e, então, quando, ao fim de quinze ou vinte anos de opressão, se iniciava um reinado novo, elevava-se nos ares, com um vasto suspiro de alívio, uma girândola de esperanças. O novo reinado podia ser tão bom, ou pior que o seu antecessor; ao fim, o mesmo fenómeno reproduzia-se infalivelmente. Nas repúblicas e monarquias parlamentares sucede o mesmo, mas em ponto pequeno, a cada mudança de ministério: não é a massa inteira da nação, é a parte que simpatiza com o sol nascente que se felicita, e enche de esperanças. O fenómeno é de uma grande generalidade; por isso mesmo, quando vimos, num país, as sucessivas mudanças de ministério serem recebidas com indiferença, como aconteceu entre nós nos últimos tempos da monarquia, podemos diagnosticar, seguramente, uma doença grave, seja do regime, seja da nação, ou de ambos.

Se da vida pública passamos à vida privada, a mesma observação se nos oferece. O nascimento de um filho faz sempre conceber as esperanças mais lagueiras, architectar os planos mais lisongeiros para a vaidade dos pais.

É que o homem é um animal essencialmente optimista, por instinto de conservação. Este optimismo, porém, é como as construções que as crianças levantam na areia da praia; fácil de edificar, também facilmente se esborrã. Alimenta-o a esperança, mas a esperança é efêmera; arde breve como palha, tanto mais quanto mais viva. As realidades da vida, as decepções quotidianas ensinam-na a curto trecho; forçoso é, pois, achar maneira de renová-la com frequência. A cada mudança de reinado? Uf! que longas cami-

nhadadas, e que datas incertas! Dez, quinze, vinte anos, tempo mais que suficiente para morrerem vinte vezes todas as esperanças.

Felizmente que se inventou o ano civil, que achado! A comprida jornada balizada por datas fixas, substituída por uma sucessão de curtas etapas, para mais, cortadas de festas várias, ligadas com as fases regulares da vida da natureza, e que ainda as fazem parecer mais curtas!

O ano não era, então, como para nós, modernos, uma mera abstracção, uma divisão arbitraria do tempo contínuo, mas alguma coisa de vivo, que nasce, que cresce e que marcha, alguma coisa que possui virtualidades susceptíveis de se realizarem num ou noutro sentido, conforme o favor ou a inimizade dos deuses. Que manancial de confiança na vida! Que possibilidades de renovar indefinidamente a exgotada provisão de esperança!

É que tudo quanto brota, tudo quanto se inicia, por isso mesmo que ainda não desabrochou, admite as mais rissonhas esperanças consentes as mais esplêndidas fantasias. E, por isso, também, que as profecias das várias M.^{mes} Thèbes são sempre irrefutáveis.

Mas, que importam profecias? Chegado ao fim da sua jornada anual, o bípede humano fatigado, desiludido, deixando atrás de si um rasto de cautelas brancas, súbito, onyxsoar as dôze badaladas do último dia. O corpo estremece-lhe, um sangue novo percorre-lhe as veias, uma alma nova sacode-lhe as fibras. Ano novo, *ano bom!* E, reabastecido de esperança, reaprovisionado de illusões, cê-lo a caminho para uma nova etapa.

Infelizmente, com o dobar dos séculos, a humanidade perdeu bastante da sua primitiva candura. O conhecimento da história abalou a sua confiança nos votos de felicidade e na intervenção dos deuses. E, as «boas festas» que nem os éditos de Tibéria, nem a Revolução Francesa conseguiram abolir, estão quasi reduzidas a uma prática banal de cortesia, sem maior significação que as de qualquer outro dia.

Felizes os tempos em que se acreditava que enviando às pessoas amigas, no dia primeiro do ano, um presente de figos, tâmaras e mel, a vida, por via dêste simbolismo transparente, lhes correria, todo o ano, doce, e sem atritos.

Mas, se os homens, hoje, ao darem-se as «boas festas», já não creem precisamente, ou creem pouco, na interferência dos deuses, e na eficácia dos «votos», continuam, contudo, a crer nalguma coisa, não sabem bem em que: na vida? na felicidade? no amor? na illusão bemfazeja, sempre perseguida, e sempre fugitiva...

Por isso, o ano novo será sempre o «ano bom», enquanto sobre a terra durar a humanidade.

JOSÉ DE MAGALHÃES.

ESTE NÚMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

ACTUALIDADES

DA

QUINZENA

A DIREITA: — O sumptuoso e magnífico Palácio de Cristal, do Pôrto, onde a brilhante revista *Voga* vai efectuar o Salão de Primavera da Elegância Feminina, Artes Industriais e Decorativas, que a exemplo do passado Salão de Outono em Lisboa deve constituir um maravilhoso espectáculo e patada de actividades comerciais e industriais. No medalhão: O director do Palácio de Cristal e ilustre artista Romualdo Tórres que será um dos elementos do triunfo da exposição.



«Ilustração» dará o apoio a esta bela iniciativa, fazendo passar pelas suas páginas as fotos de todas as entidades artísticas, comerciais e industriais que concorram a este certame e consagrando-lhe larga reportagem.



EM CIMA: — O almoço de confraternização dos sócios da Sociedade de Autores e Compositores Teatrais que foi uma imponente demonstração de solidariedade intelectual.

NO OVAL: LO CENTRO: — Grupo de protegidas pela «Associação Protectora de Crianças» no festival de Ano Bom.



EM BAIXO: — O duplo crime de Maceda. — O cadáver de José António de Sá, «O Polaco», velado pelos habitantes do lugar.

(Foto A. Martins).

EM CIMA: — Sua Ex.^a o sr. Presidente da República por ocasião da sua visita à Fábrica de Cerâmica Lusitana, do Arco do Cego, tendo junto de si os honrados e antigos operários daquela conhecida manufatura, aos quais impôs a cruz de Mérito Industrial como recompensa das suas vidas de constante labor profissional.

EM BAIXO: — Outro detalhe do horrível crime de Maceda (Ovar) — O cadáver de Manuel Domingues de Oliveira, «O Manelinho» rodeado pela família e vizinhos.

(Foto Alvaro Martins).



“Voga” promove no Palácio de Cristal do Pôrto, o Salão de Primavera da Elegância Feminina, Artes Industriais e Decorativas, sob o patrocínio dos ilustres organismos económicos do Norte. Está aberta a inscrição de expositores na nossa redacção e no “bureau” da exposição — Avenida dos Aliados, 71, 1.º — PÔRTO



O ilustre pintor Eduardo Malta na ocasião da visita presidencial à sua formosa exposição de retratos realizada recentemente na Sociedade Nacional de Belas Artes



A sr.^a D. Sofia Guerreiro e o sr. Gregório de Mendonça por ocasião do seu casamento realizado na paróquia de Santa Isabel, no dia 5 de Dezembro último

NO OVAL, à esquerda: — Visita de Sua Ex.^a Rev.^a o sr. Nâncio Apostólico à benemérita instituição «Florinhas da raça», iniciativa formosíssima da sr.^a Condessa de Rilvas e outras senhoras da sociedade



Aspecto do almoço de despedida oferecido pelos oficiais-generais da divisão ao ilustre aliado militar espanhol coronel D. Carlos de Rivera, que retira para o seu país deixando as mais fundas simpatias entre nós

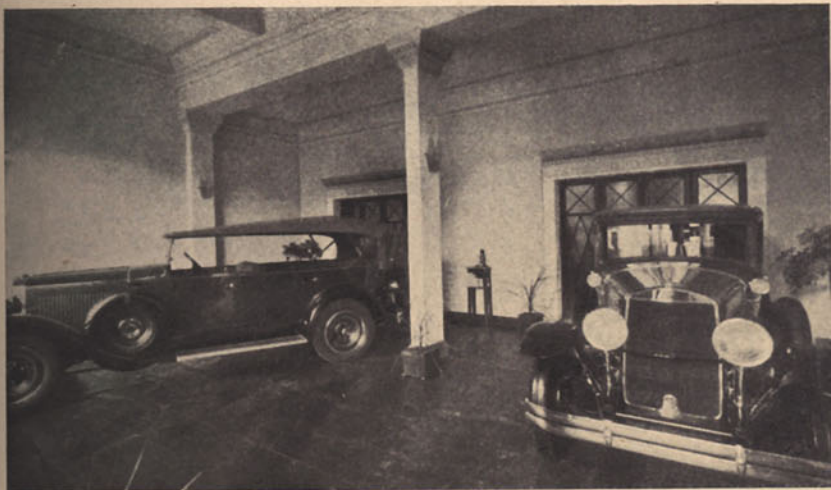


Dois aspectos curiosos do arado às colónias. — A esquerda: Os aviadores, depois de visitarem o sítio do Coolala onde em 7 de Novembro de 1895 os heróicos soldados portugueses bateram o Gungunhana, descolam magnificamente. A direita: Depois de prestar homenagem aos heróicos e obscuros soldados de Mousinho, Manuel António, da carlinga do Vickers 2, antes de descolar, agita a bandeira da Pátria honrada

(Fotos José Alves)

“Voga” promove no Palácio de Cristal do Pôrto, o Salão de Primavera da Elegância Feminina, Artes Industriais e Decorativas, sob o patrocínio dos ilustres organismos económicos do Norte. Está aberta a inscrição de expositores na nossa redacção e no “bureau” da exposição — Avenida dos Aliados, 71, 1.º — PÔRTO

DE TODA
A PARTE



Um curioso instantâneo do rei Amanullah do Afeganistão quando tomava o auto em que fugiu de Cabul ante os revolucionários triunfantes

EM CIMA: — Vista do novo stand que a firma J. Coelho Pacheco inaugurou na rua Braancamp, e onde expôs à admiração dos condecedores os seus magníficos automóveis «Graham Paige», maravilha da mecânica americana.



A DIREITA: — Aspecto da visita que o novo Reitor da Universidade de Lisboa, o doutor professor Silva Teles, fez às instalações já inauguradas do benemérito Instituto do Cancro, a Palhavã, maravilhosa iniciativa do ilustre cirurgião professor Francisco Gentil, e servido pela dedicação aturada e magnífica duma grande pleiade de médicos e homens de sciência que tornam o funcionamento daquele estabelecimento verdadeiramente modelar.



EM CIMA: — Uma pavorosa catástrofe alarmou Londres. O bairro de Holborn, um dos mais populosos, foi assolado pela explosão horrível dum cano de gás, subterrâneo de grande diâmetro. A nossa foto representa um aspecto do pavimento ante o Princes Theatre. Durante o dia sucederam-se explosões parciais, e as chamas brotavam ameaçadoras do solo convulsionado. Felizmente e devido à hora matinal em que se deu o início das explosões, poucos foram os feridos e mortos entre os transeuntes do populoso bairro londrino.



EM CIMA: — Um outro aspecto da catástrofe de Londres. Na Shaftesbury Avenue, um automóvel que passava foi atirado ao ar, ficando no estado em que se vê. Os prejuizos totais das explosões sobem a 150 mil libras. Algumas casas arderam e outras ruíram.

EM BAIXO, ao centro: — Um estabelecimento modernista. O novo stand dos automóveis «Marmion», na rua Alexandre Herculano.

“Voga” promove no Palácio de Cristal do Pôrto, o Salão de Primavera da Elegância Feminina, Artes Industriais e Decorativas, sob o patrocínio dos ilustres organismos económicos do Norte. Está aberta a inscrição de expositores na nossa redacção e no “bureau” da exposição — Avenida dos Aliados, 71, 1.º — PÔRTO

FIGURAS DO MOMENTO



D. LICY RIBEIRO LOPES

DISTINTÍSSIMA senhora que, no próximo dia 21 abre a sua exposição de decorações em pano sobre motivos egípcios, a que se augura um grande êxito.



DR. MANUEL PORTES GIL

EMINENTE político mexicano da facção obregonista que acaba de suceder a Calles na presidência da República do México e de cuja acção muito se espera.



JOSÉ CAMPAS

PINTOR ilustre, expensionista do Estado em Paris e que em breve abre a sua exposição no Salão Bobone, decerto uma nova documentação do seu talento.



CONSELHEIRO JÚLIO DE VILHENA

ERUDITO académico, admirado homem público e figura do mais alto prestígio no regime transacto cuja morte, recentemente ocorrida, causou funda impressão em todos os meios sociais.



MARECHAL CADORNA

O heroico cabo de guerra italiano, condutor dos seus homens à vitória sobre os impérios centrais e que acaba de falecer em Itália no meio de verdadeira consternação nacional.



A FAMÍLIA REAL INGLESA

AGORA em foco a corte britânica pela grave doença do monarca é curioso ressuscitar a fotografia do casamento de S. M. Jorge V, então Duque de York, com a princesa May of Teck, hoje rainha: De pé, da esquerda para a direita: Princesas Alexandra de Edimburgo, Victoria de Schleswig-Holstein, Victoria de Edimburgo, Victoria de Gales e Maud de Gales. Sentadas: Princesas Alice de Batenberg, Margarida de Connaught, Victoria de Batenberg, Victoria Patricia de Connaught. À frente, Princesa Beatriz de Edimburgo.

“Voga” promove no Palácio de Cristal do Pôrto, o Salão de Primavera da Elegância Feminina, Artes Industriais e Decorativas, sob o patrocínio dos ilustres organismos económicos do Norte. Está aberta a inscrição de expositores na nossa redacção e no “bureau” da exposição — Avenida dos Aliados, 71, 1.º — PÓRTO

LIVROS E

Como Fra Angélico, o pintor cristão por excelência, de quem se conta que se punha de joelhos e orava com fervor antes de se servir dos pincéis, assim nos parece que a sr.^a D. Emília de Sousa Costa, ao traçar a primeira frase do seu recente e lindo livro para crianças, *História do Menino Jesus*, não deixou de proceder esse acto dum jaculatória que logrou ir direita ao céu, visto que o auxílio divino, expresso numa alta inspiração, não só lhe acudiu nesse momento como se lhe manteve ainda depois, durante todo o trabalho. Se é certo que os Evangelhos, e também o *Flos Sanctorum*, são inexgotáveis mananciais de poesia, não menos certo é que só os espíritos especialmente dotados para essa melindrosa operação conseguem extrair das suas amarellecidas laudas esses temas de inefável beleza, essas sugestões em que reflete o claro eterno da arte. E a sr.^a D. Emília de Sousa Costa, ao abordar agora a *História Sagrada*, traduzindo-a e parafraseando-a em dizes floridos, ingénios, transcendentes, aromados de ternura, dizes que hão de penetrar sem dificuldade nas inteligências infantis, fê-lo com tão exímia segurança, tão delicado bom-gosto e tanto entusiasmo maternal, que, ao findarmos a leitura da sua aludida obra, nos achamos no dever de conferir-lhe um lugar, e dos mais distintos, entre esses privilegiados pesquisadores de motivos literários nos vetustos



Saavedra Machado

in-folios que falam de Deus e da criação do Mundo. A sua *História do Menino Jesus* é, na verdade, perfeita, em relação ao especial público para que a autora a escreveu. É viva, aliviada de tons dramáticos, alegre quasi, dumia alegria bem cristã, mesmo nos episódios em que Jesus Cristo, já em idade adulta, sofre perseguições e os mais cruciantes martírios para salvação da Humanidade. Coração sempre juvenil, sempre cândido, sempre esmolador de bondade, — como não amarmos todos um Deus assim, que na sua trajectória pelo mundo, desde o téniplo seio materno até à frígide tumbular, muito sofreu e amou sem nunca deixar de ser Menino?

Nesta deliciosa biografia de Jesus para uso da gente pequenina, biografia que, em certos passos, como, por exemplo, nos capítulos intitulados *Rosa Mística! — Açucena Pura, O Menino-Jesus fugiu! e O Menino-Jesus ressuscitou!* (este último com a encantadora lenda do pintor xofre tufal, que é uma transusão do folclore beirão nas páginas bíblicas), tem todas as características dos poemas em prosa, o talento da sr.^a D. Emília de Sousa Costa, tão dedicado como poucos mais a servir as crianças da nossa terra, teve a coadjuvá-lo o dumia outra senhora: o de D. Raul Roque Gamero Ottolini, cujos desenhos, sobretudo o da scena da Natividade, com o Deus-infante nas palhas humildes do presépio, são nada menos que magníficos, na composição e no pormenor, assim demonstrando um excelente lápis ilustrador. Resta dizer que este novo volume da «Biblioteca dos Pequenininos» vai em breve aparecer em lingua espanhola, traduzido por D. Alvaro de Las Casas, figura ilustre de escritor e erudito e desde vellos anos mui activo amigo de Portugal e das nossas letras. A menção deste facto só por si indicia o subido mérito do último trabalho da sr.^a D. Emília de Sousa Costa, pois dos escritos que rastejam pela mediocridade ninguém se acerca, e muito menos para lhes dar expansão através de idiomas alheios.

Rocha Martins está já quasi a pôr termo às duas séries de telas históricas que vai para um ano, encetou e que têm aparecido agrupadas, respectivamente, sob os títulos de *Os Grandes Amores de Portugal e Heróis, Santos e*

Mártires da Pátria: aqui temos os ante-penúltimos desses quadros, *Madre Paula*, na galeria dos Grandes Amores, e *D. João de Castro*, na dos Varões excelsos. Ali vemos Cupido, feiticeiro e estueteiro, invadir os recintos monásticos e substituir nos lábios dumia freira moça e formosa os beijos místicos nas contagens frias do seu rosário pelos beijos sensuais na boca leviana do rei D. João V; no segundo, descobrimos, em tôla a sua magestade moral, o vulto do heroico vencedor de Diu, cuja vida é um alto exemplo de amor pátrio e de fidelidade à palavra dada. Rocha Martins, romantizando uma e outra figura, dispares nas suas características, deu-nos mais dois formosos produtos do seu engenho fecundo, desde longa data empenhado em difundir na grande massa do público o conhecimento dos mais dramáticos lances e das figuras mais típicas da nacionalidade portuguesa.

Saavedra Machado é o nome de um artista plástico das novas gerações que, talvez por sua demasiada modestia, anda por aí pouco falado, não obstante o real valor que possui. Desenhador de arte, o mais da sua actividade tem-na êle devotado à função de acólito dos nossos etnógrafos e folcloristas, nesses campo produzindo trabalhos que, pela qualidade e pela quantidade, representam um louvável esforço, e, além de serem notáveis sob o ponto de vista estético, se impõem também pelo seu significado documental. Trechos de monumentos dourados pela pátina dos séculos e que, já hoje em galopante crise de derriamento, algum dia hão-de furtar-se de todo aos nossos olhos, usanças tradicionais a que o contacto com a civilização citadina vai diluindo o intenso pitoresco de outora, típicas modalidades arquitectónicas e vellos intensivos caseiros e agrários a que os processos modernos vão impondo a reforma, de tudo que isso que tem sabor a passado e que, afinal, está intimamente prêsso à história de cada povo, Saavedra Machado tem sabido colher preciosas memórias, nos seus cartões e apontamentos de artista, colheita bendita essa que, na sua maior parte, hoje enriquece o recheio dalguns dos nossos museus. Ora é o nome dêste diligente e probo artista que nos aparece hoje, como seu autor, no frontispício dumia obra que tudo promete vir a ser de vulto e se apresenta com o título *O Desenho e as mulheres no labor artístico de Rafael Bordalo*. Trabalho de culto investigador e fino crítico de arte, objectivando a produção dum dos mais originaes artistas portugueses, inimitável como caricaturista, grande como estatuidário na cerâmica, nessa produção procurando pôr em realce o ginofinismo do Mestre, esta obra, cujo primeiro fascículo temos presente, vem na hora própria, na hora em que todos nós, portugueses, cansados de rebuscarmos e estadearmos, por vezes exagerando-os, os nossos defeitos, num triste fenómeno de masoquismo espiritual, nos resolvemos enfim ao reencenamento do que de dignificante e activo existiu e existe na grei. O génio de Rafael Bordalo Pinheiro, dumia dinastia de felicitos mogos da cor, é dos casos mais flagrantes do nosso perdoar ovidiatio: esquecemo-lo depressa. Prestar-lhe, pois, homenagem, estudando-lhe, em todos os seus diversos aspectos, o mui to que produziu para honra da arte portuguesa, é uma acção da mais oportuna justiça. Tomando-a agora a seu cargo, Saavedra Machado mostra apenas a nobreza do seu espirito. *O Desenho e as mulheres no labor artístico de Rafael Bordalo*, que à valia do texto redigido junta a que reside nas suas abundantes e nfidadas gravuras, abre com um interessante, por erudito e bem escrito, ensaio sobre o riso, sua função e seus cultores, ensaio devido ao dr. Arlindo Camilo

ESCRITORES

Monteiro, que, desde que há anos trouxe a lume um volumoso trabalho relativo ao amor sob a luz da patologia, tem direito a ser considerado muito mais do que um *louriste* no país das letras.

Sua vidade. Melhor, mais adequado título não pederia o sr. Salema Vaz aplicar ao seu último volume de líricas, que traz uma soberba *sanguinea* de António Soares a ilustrar-lhe a capa. Tudo nêle, com efeito, é suave: cantares de amor, confissões de encantamento ou de desilusão, trovas de saúdade, a dor dos grandes apaixonados não perturba, com seus gritos, estas páginas. Expressão da doce sentimentalidade lusfada, êste feixe de versos deixa-nos, pois, uma agradável expressão de leitura.

Que a preocupação de pormos agora em relêvo o nosso património artístico, preocupação a que atrás aludimos, longe de ser esporádica, está em vias de contagiar benéficamente a maioria dos nossos espíritos dados a coisa de arte, vem também certifica-lo a nova colecção *Monumentos de Portugal*, que se inicia com um bom estudo sobre o admirável Mosteiro da Batalha, lino de pedra lavrada erguido em louvor do génio guerreiro da raça. Esse estudo, histórico-artístico-arqueológico, firma-o o nome sobre modo autorisado do sr. dr. Virgílio Correia, que, em rápidas linhas, nos diz tudo que é essencial sobre o monumento em questão, referindo-lhe quer a origem, quer o seu papel histórico, quer, por último, as suas características arquitectónicas. Um dos atractivos desta colecção divulgadora é a beleza das suas gravuras, produzidas sobre fotografias dos conceituados fotógrafos-artistas Alvão e companhia. Sabemos que a idea desta nova série de brochuras se deve ao sr. dr. Carlos de Passos, tendo sido êle mesmo a traçar-lhe o rumo, que se mostra digno de prestar grandes serviços à cultura nacional.

Mas nem sempre êste publicista culto e abnegado tem visto os seus esforços bem compreendidos e recompensados, e disso nos dá conta, sob o aspecto de panfleto, o opúsculo intitulado *Os Netos... dos Varões de Plutarco*. Constituem-nas páginas de veemente desafeira, perante as quais não é possível invejar a sorte dos antagonistas do sr. dr. Carlos de Passos, seu autor.

Há uma árvore de porte altivo junto do caminho. Dela nunca veio mal a ninguém, antes pelo contrário: muitas vezes o viandante, fustigado pelos ardores estivais, é na sombra da sua copa que logra refrigério.

Mas um dia vem um homem mais ingrato do que todos os outros que já por ali haviam passado e, empunhando um machado, despede na árvore benéfica golpe sobre golpe. Porquê, não sabe, talvez. É a árvore altiva, que fora consólo do cami-



Salema Vaz

neiro e moradia de canoras aves, jaz por terra, morta, para sempre extinta a sua generosidade. Com Luís Deronet, figura prestante de jornalista, homem de integro carácter, de firmes convicções, de excelentes dotes organizadores, deu-se um facto semelhante ao da árvore que espalhava sombra sobre o caminho. Golpe atrás de golpe, derrubaram-no, com êle abatendo uma inteligência bondosa e construtiva. Hoje, seus amigos e subordinados da Imprensa Nacional, prantearam a sua perda, quiseram, no primeiro aniversário da sua morte, prestar-lhe uma homenagem, a qual está expressa no volume intitulado *A memória de Luís Deronet (Palavras Justas)*, que é uma série de artigos e pequenas notas evocativas das qualidades que exornavam o saúdoso jornalista republicano. Nessa homenagem colaboraram, entre outros, alguns dos mais ilustres nomes da nossa literatura.

No Concurso que a ILUSTRAÇÃO abriu entre os Romancistas e Novelistas nacionais, inscreveu-se agora o romance *A Quebras*, do sr. dr. Campos Lima. As condições que regulam o certame são as que vieram formuladas no n.º 57 da nossa revista, excepto a relativa ao prazo para a entrega dos trabalhos, prazo que foi ultimamente prorrogado até 30 de Abril do ano em decurso.

“Voga” promove no Palácio de Cristal do Porto, o Salão de Primavera da Elegância Feminina, Artes Industriais e Decorativas, sob o patrocínio dos ilustres organismos económicos do Norte. Está aberta a inscrição de expositores na nossa redacção e no “bureau” da exposição. Avenida dos Aliados, 71, 1.º PORTO.

FALA SINGER

«...Berta Singerman está de novo entre nós...»

(Dos jornais)

O homem da farda azul com botões brilhantes como sóis, pousando o auscultador de telefone, diz-me:

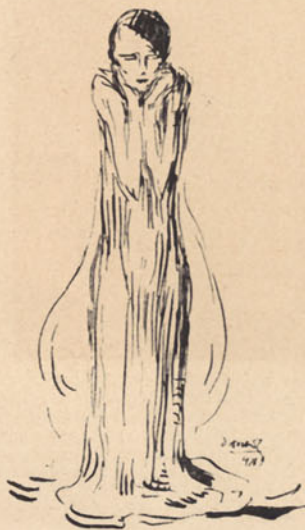
— Pode subir! Madame espera-o!

O elevador conduz-me, electricamente, ao primeiro andar do «palace». O *groom* abre a porta. Saio. Na minha frente, está uma pequena sala.

A porta, Berta Singerman aguarda-me, sorrindo. Avanço para Ela e beijo-lhe a mão.

Entramos. O ambiente é moderno. A sala é pequena, aconchegada. Espelhos altos, jarrões, estantes, sofás de veludo tentadores como coxins indianos e como indianas bronzeadas. O vermelho domina tôdas as côres, não o vermelho vivo dos lábios da minha entrevistada, mas o vermelho escuro de certos pontos de outono mórvidos e doentes, que nos fazem mal. Ah! E há flores, também, cravos vermelhos, êstes da côr dos lábios da mulher que diz Poesia, para nosso encanto.

Berta Singerman está bem, ali. Tenho a impressão de que, naquele ambiente, Ela se entregará por completo às minhas perguntas



Desenho de Carlos Carneiro



Xilografia de João Carlos

não me negando a resposta à maior das minhas indiscrições, a mim, que sou tão indiscreto.

Há, a um canto, duas *maples* que se oferecem, caritativas e cuidadosas, quais Samaritanas. Para elas avançamos e, solícitas, nos matam a nossa séde de repouso.

Fito de frente, bem de frente, Berta Singerman. Os meus olhos são, neste momento, curiosos como dois aventureiros que corram atrás da quimera do ouro. Devo ser ridículo, dolorosamente ridículo, como Charlot, quando, em terras de Alaska, esgravatava o manto da neve para encontrar o manto dourado. Mas a minha curiosidade é satisfeita. Encontro a beleza de Berta Singerman. Chega à minha mente um verso dum Poeta que exprime o meu pensamento:

Linda sou, como as harpas e os navios...

Em verdade a beleza desta mulher tem qualquer coisa de harpa e qualquer coisa de navio: dêste, a correcção e elegância das linhas, leves e marcadas; daquela, a fragilidade das cordas, o doce e delicado da moldura. Em scena, dizendo Poesia de Outros e criando Poesia sua, as asas do seu vestido são velas de navio e a sua voz cantante são cordas duma harpa. E os versos são ondas...

A sua face tem a forma dum triângulo. Os olhos, de que não consigo descobrir a côr, brilham como cigarros acesos numa noite sem luar. O nariz tem a correcção duma estátua da Hélade. A boca, em coração, tem a maravilha dum poema de D'Annunzio: A

BERTA MAN

voz, prodigiosa sempre, parece emitir sons que são divinos versos.

Conversamos.

Lembramos o nosso conhecimento, há anos — como o tempo passa e o Génio caminha! — quando as grandes cidades da Europa apenas conheciam Berta Singerman de nome, pelo retrato de Arte das revistas americanas, quando Ela era esperada neste continente como um desejado. D. Sebastião, que o espírito e a ânsia idealizavam.

— E, de então para cá? — interrogo.

— A Europa recebeu-me em festa, abrindo-me os braços. Em tôdas as terras por que passei, os aplausos e os louvores andaram ao meu lado. E, se quere que lhe diga porquê, não sei...

— Sei eu... Não é custoso adivinhar, a quem a viu e ouviu num palco!

— Mas não compreendo! As palmas e os louvores não deviam ser para mim, mas para os Poetas. Não faço mais que interpretar as palavras que Eles escrevem.

Todos sabem as falsidades que estas frases encerram. Berta Singerman é modesta e, ao contrário do que sucede connôco em relação a Ela, não pode admirar-se, duma plateia. A



Desenho de Carlos Carneiro



PAULINO MONTEZ—Praia de S. Bernardino
(MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA)



Berta Singerman entre as velhas pedras dos museus

criadora de tão maravilhosa Poesia engana-se e tenta enganar-nos, julgando-se.

— Como julga a Poesia?

— Um Arte divina que encanta os que a Ela se dedicam. Veja! Eu tenho duas grandes dedicações: uma, pela minha Arte e, outra, pela minha Família.

— A mulher deve dedicar-se à Arte ou ao Lar?

— Quando há uma verdadeira vocação, que inconveniente há em animar a mulher? Os preconceitos devem cair, num caso destes. Com método, tudo se consegue. O tempo, bem regulado, chega para tólas as coisas. Uma Artista pode, mesmo, querer mais ao seu Lar que outra mulher. Não tem Ela uma sensibilidade, como as outras, até uma maior sensibilidade afectiva?

— Qual o género de Poesia que mais a entusiasma?

— Igualmente me entusiasmam todos os géneros, desde que os versos sejam belos. Sou uma enamorada de tóda a Poesia. Nos meus programas, estão os Poetas mais diversos.

...E tem a deliçençoz de passar-me os últimos programas. Olho-os a correr, vendo fugir o tempo. Lá, são os nomes de Ramon Campomar, Santos Chocano, D'Annunzio, Tagore, Rúben Darío, Camões, Edgar Poë, Ros-tand... Mas Berta dirá versos esta noite.

Lanço uma pergunta arrojada:

— Que poema será hoje o mais sentido?

— Sei onde quer chegar. Queria conhecer o meu estado de alma e espírito e não é verdade? — E dizendo isto, Berta Singerman tem um sorriso misterioso, que é um ponto final no assunto.

— Que poema foi ontem o mais sentido?

— Não me lembro já! — E a Artista tem um outro sorriso, mais misterioso que o primeiro.

Decididamente, não quer falar-me de ontem, o Passado, nem de hoje, o Presente. E o Futuro a Deus pertence... Entrego-lhe o programa, com uma interrogação:

— Admira a Poesia portuguesa?

— Encontra-a nos meus programas, a cada passo. Interpreto Camões, Antero, Junqueiro, Eugénio de Castro, Lopes Vieira, Júlio Dantas e Fernanda de Castro, minha querida amiga. Tenho mais poesias que, dentro de pouco tempo, farão parte do meu reportório.

— Cada país terá a sua Poesia?

— Tem. Há sempre a influência da terra. No entanto, julgo que a Poesia não deve ter pátria, isto é, que não deve ser destinada a este ou àquele povo. Antes, deve ser escrita para tóda a gente, sem preocupação de ideias ou factos que agradem a determinado grupo.

Há um silêncio que assassina com uma interrogação:

— Nunca se sentiu atraída a escrever versos?

— Não! Os versos dos outros interessam-me tanto, que nunca pude lembrar-me de tal. Algumas vezes, traduzo.

— E porque não se dedica ao teatro?

— Tracei um caminho para a minha Arte. Pode acontecer que mude! Quem sabe?!

Nesta interrogação, está um futuro. Nos olhos de Berta Singerman, está um relâmpago. Como eu, mais que eu, desejaria saber. Há um silêncio que o mistério aumenta.

A porta, surge um cavalheiro. Aproxima-se de nós. Por intermédio de Berta Singerman, tenho o prazer de travar relações com seu marido.

A conversa toma diversos rumos. A vida é breve e os bons momentos brevíssimos são. Tenho de retirar-me.

Ergo-me. Ergue-se o casal e as despedidas fazem-se.

— Até um dia!

— Até um dia!

— Até um dia!

São da pequena sala onde o vermelho predomina, não o vermelho vivo dos lábios da minha entrevistada, mas o vermelho escuro de certos poentes de outono mórbidos e doentes, que nos fazem mal. Os cravos, êsses, dum vermelho vivíssimo, continuam a morrer nas jarras, aos potcos. O casal acompanha-me.

Na minha frente, está uma campânula. Toco. Chega o *descensor* que me conduz, elêctricamente, ao rés-do-chão. O *groom* abre a porta. São.

A minha passagem, o homem da farda azul com botões brilhantes como sóis, solenemente, curva-se respeitoso.

ALBERTO DE SERPA.



O mais belo poema recitado por Berta Singerman

LITERATURA ESPANO-AMERICANA

LEOPOLDO LUGONES

Em Portugal a única literatura conhecida é a da cama à francesa e do casal de três, isto é a que nós, desde há muitas dezenas de anos, copiosamente importamos das terras de França... O facto é tão sabido e verdadeiro que, até já entrou na categoria respeitável dos lugares comuns. Da França nos tem vindo tudo em matéria de arte e literatura, mobiliário do lar e mobiliário da cabeça: tudo quanto haja de bom e de mau, porém muito principalmente de mau... Porque o bom êsse fica restricto a uma reduzida esfera de influência mental; o resto — e é quasi tudo — espalha-se por toda a terra portuguesa e produz efeitos desnacionalizantes, extraordinários e ridículos: já Eça de Queirós, cuja obra é muitas vezes francesa pela factura mas portuguesa pelo seu conteúdo — já Eça de Queirós afirmára em tempos ser Portugal um país traduzido do francês em calão... O juízo formulado pelo célebre escritor parecerá talvez exagerado: por nós, quanta vez o temos achado justiceiro e apropriado! Mesmo nos dias de hoje, em que tanto se fala de nacionalismo e regresso, vejamos os leitores o que se passa com um certo romancista francês de grandes tiragens e absoluta carência de ideias, um escritor cujas obras terão de um dia ser retiradas para os domínios da baixa literatura, mas que os moços portugueses conhecem na ponta da língua: um sr. Maurício Dekobra... Haverá acaso escritor francês mais quarta ordem do que êste senhor? Pois é o mais conhecido em Portugal e os seus livros teem cá um mercado que os grandes escritores alemães ou ingleses não conhecem. Cita-se a propósito de tudo o sr. Dekobra, fazem-se transcrições de trechos seus e pugna-se bravamente pela integridade dos seus direitos de autor, considerando como crime de lesa-propriedade o facto de alguém o plagiar ou pelo menos parecer que o faz, quando a verdade é que, se tal facto se der, teremos de considerar isso não como um crime mas sim como uma prova de estupidez!...

Crime sim, é nós desconhecermos a nossa literatura — a principiar pelo grande e portuguêsíssimo Garrett que ninguém lê nem edita! — e desconhecermos igualmente, a par dos escritores e artistas ingleses ou alemães, aqueles artistas e escritores que conosco teem afinida-

des de sangue: os espanhóis e os da América espanhola!...

Da enorme florescência que tem sido a literatura das repúblicas hispano-americanas Portugal conhece pouquíssimo ou então não conhece absolutamente nada. É uma das maiores injus-

tiças de que reza a história da nossa vida intelectual... Poetas, historiadores, críticos, romancistas, conhecemos apenas os franceses, e por êles guiamos a nossa mentalidade ou caldeamos o nosso lirismo. O caso é tanto mais curioso e triste se nos lembrarmos da facilidade que nos oferece a língua espanhola e da grandeza que atingiram por vezes os escritores das aludidas repúblicas. Porque, se nos reportarmos, com



Um formoso retrato de Leopoldo Lugones desenhado pelo mestre pintor Vazquez Diaz

povo de líricos que sempre fomos, ao capítulo poesia, de modo algum encontraremos em terras francesas quem opor a um Ruben Dario, a um Amado Nervo, a um Juan Ramon Molina... E o caso redobra de estranheza quando se constata que, a estes grandes poetas hispano-americanos, se opôs entre nós um sr. Paul Geraldly cujo *Tôi et moi*, repertório de coisas de alcova do mais fugidivo interesse, ganhou uma voga enorme e foi a maior das desilusões literárias de quem estas linhas escreve.

Mas, o grande Ruben e com elle todos os escritores do mondonovismo, esses continuam desconhecidos ou quasi: a mais celebre entre nós é a obra do extraordinário poeta nicaraguano, mas isso devido ao barulho que a imprensa franceza fez por ocasião da sua morte... Já todos os países, mesmo os mais remotos, conheciam Ruben Dario como o maior escritor das letras espanholas, como o lírico mais poderoso, mais artista e emotivo dos últimos tempos, como uma glória autêntica do génio latino — e Portugal desconhecia-o... E não obstante, os seus livros, desde o *Azul*, publicado aos vinte anos, e constituindo a mais extraordinária promessa dum escritor, até aos *Contos de Vida y Esperanza*, volume definitivo aonde a alma dum dos maiores poetas de todos os tempos se nos mostrava em toda a sua dolorosa humanidade, — tudo isso que constituia a obra dum criador e dum inovador de génio era desconhecido entre nós, e pouco mais conhecida será hoje se destacarmos um ou outro espirito de escol...

Ora, se os versos e prosas de Ruben Dario eram para nós tão desconhecidos a-pesar da sua grandeza e da sua magnificência, não admirará nada que também não conheçamos a obra do argentino Leopoldo Lugones. Trata-se, contudo, duma das figuras mais em evidência não só na literatura do seu país como também de todo o mundo latino; dum escritor singular, cheio de vigor, embora por vezes rebuscado; de extraordinárias faculdades servidas por uma cultura enorme, sempre em busca inquieta de aspectos e imagens novas. A sua actividade prodigiosa não tem conhecido limites, e todos os géneros literários lhe tem servido para a sua expansão verbal: a poesia, a história, a crítica, o romance, o jornalismo, e distinguindo-se em todos estes géneros pela intensidade dos processos, a riqueza e o ineditismo do estilo.

Dois aspectos rá no seu talento de escritor que acima de tudo importa considerar: o do

poeta e o do crítico de arte. Leopoldo Lugones é principalmente um lírico, e foi como tal que, muito novo se estreou com um livro *Las montañas d'oro*, tão revolucionário nas ideias como na forma; poemas altamente inspirados e de verbo altoliquente, pletórico e suntuoso. Espirito inquieto, sempre insatisfeito, incapaz de se fixar, vibrando à menor emoção, dentro em pouco Leopoldo Lugones publicava um outro volume de poesias, *Los Crepusculos del Jardín*, aonde a frivolidade e a malícia femininas ficavam encerradas pelo escritor em sonetos e líricas fugitivas, duma factura tão delicada como a dum cinzelador do século XVIII. Logo a seguir o *Lunario sentimental*, exercício curiosíssimo de técnica poetica que, sendo uma sátira contra o lirismo romântico, surpreendeu os escritores e os críticos por mostrar no poeta um proteísmo de atitudes e modalidades verdadeiramente desconcertante. Em todos esses livros Leopoldo Lugones afirmava-se como um autêntico poeta, cuja inspiração não era, por certo, de largo voo, mas se impunha pelo brilho formidável das imagens, a riqueza do estilo e o lirismo do pensamento, sempre em busca de novas ideias e expressões inéditas.

O segundo aspecto da sua obra encontramos-lo nós nas suas ideias sobre arte. E aqui é possível que muita ou quasi toda a gente discorde de Leopoldo Lugones, como de resto não faltará quem considere de menor valor os seus trabalhos sobre história... Mas, esse aspecto do seu talento de prosador nem por isso é menos brilhante, descontada mesmo a falsidade que haja nos seus pontos de vista. O livro de estética e crítica de arte que publicou para comemorar o Centenário da independência argentina é dos mais interessantes que têm surgido nos últimos tempos, mercê duma erudição e duma subtilidade de análise que se encontram servidas à maravilha por um estilo esplendoroso e cinzelado como uma obra de ourivesaria. Chama-se esse livro *Las Hmaduras de Hephaestolos*, os seus ensaios sobre arte surpreendem pelos pontos de vista novos que nos apresentam. No primeiro e no segundo ensaios, Leopoldo Lugones, a propósito do monumento comemorativo da Independência do seu país, expõe duma forma originalíssima o que entende deveria ser esse monumento e jámais se acreditaria que tal assunto pudesse fornecer a um escritor um brilho de imagens, um esplendor verbal e um lirismo tão fortes e requintados como os que nesses dois ensaios se patenteiam.

No último desses ensaios Leopoldo Lugones,

a propósito da ideia de adaptar a arquitectura gótica às terras argentinas, expõe as suas ideias a tal respeito e estuda as origens dessa arquitectura por uma forma que, por certo, muitos repelião por menos exacta, mas à qual ninguém poderá contestar uma esplendorosa novidade. Para Leopoldo Lugones as origens da arquitectura gótica há que ir buscá-las às construções de madeira dos países setentrionais — cujas formas ponteadas iriam sugerir aos mestres alveneis da Idade Média as agulhas e coruchéus das suas imponentes catedrais... — à igreja românica que forneceria a disposição do conjunto; e à arte bisantina com os seus elementos característicos e as contribuições que trouxe do Oriente pelo que respeita a vitrais e ornamentações. E Leopoldo Lugones entrando na análise dos caracteres da arte gótica classifica as suas linhas verticais como símbolos do misticismo dominante e geral, do espiritualismo unânime dos povos medievais; para elle, o emprêgo da sombra, tanto nos interiores como nas fachadas, e sombra essa da qual emergem as estátuas e os relêvos, tudo isso mais não é por banda de architectos e canteiros, do que a reminiscência poderosa das grandes massas dos bosques ancestrais. A ornamentação, vegetal ou animal, em todo o seu simbolismo e formada por um estreito acôrdo de elementos dissemelhantes que Leopoldo Lugones vai encontrar na pintura e na música de hoje, é a reprodução da flora dos países de origem desses mestres medievais; é a trasladação, para a pedra rude em que elles trabalhavam, dos pesadêlos formidáveis que lhes povoavam os espíritos...

E, como facilmente se vê, um ponto de vista que poderá pecar bastante por inexacto mas que, nem por isso deixa de ser eminentemente lírico... Os estudiosos de arte quiçá contestarão a verdade que se pretenda attribuir a semelhante interpretação dum dos fenómenos mais extraordinários do mundo artístico de todos os tempos. O certo, porém, é que a visão do poeta que é Leopoldo Lugones constitui uma das mais curiosas e originaes, reveladora dum temperamento artístico de primeira água.

Obra dum poeta sedento de novidade e cultivando no seu espirito todos os refinamentos de arte e expressão verbal, esses estudos não sabemos se contribuirão eficazmente para desvendar as origens confusas da arte medieval. O que sabemos é que, à sua erudição e à sua originalidade, andam ligados um tal lirismo e um tal poder de expressão verbal que a tornam uma das mais belas produções do lirismo contemporâneo. E Leopoldo Lugones foi sempre um poeta, — até mesmo quando escrevia em prosa...

OS MONUMENTOS

NA

PROPAGANDA NACIONAL



Igreja de S. Francisco — Porto

Tresvairados os espíritos com a mentira da liberdade, posta a correr cêlere e porfiadamente a laracha-engodadora da soberania popular — não há renda mais pingue, diz-nos Ricardo Jorge, que a exploração da asneira humana — transmudou-se o país num famulento e refece circo eleitoral que, por entre o mugir e o esbravecer das mais impúdicas e doídas ambições, languescem os bríos seculares e o sentido da dignidade nacional, desordenou a cadência do viver da grei e a compelin a transviar-se do rumo da sua finalidade histórica.

Não é mistér, por soejamente conhecido, avivar o ignaro e sórdido estupor da colectividade, a viltança moral-social que durante as longas décadas do último século a empolgou. Não se dirá, pois, que não foram prestações as ideias novas semeadas pelos nefastos e loucos idealistas de vinte, e seus herdeadores, conquanto boas fóssem suas intenções, das quais, segundo o bom senso popular, está o inferno cheio.

Fôrra e expandida à vontade a perversidade animal, compreende-se facilmente o embaraço, a divertida sem-cerimónia com que se têm profanado igrejas, assolado e alienado conventos (o de S. Francisco de Santarém, românico-gótico, fundado por D. Sancho II, está convertido em casernas e cavalariças, mutilado cruzeiros (não há muitos anos que o bellissimo exemplar manuelino de Leça do Bálho sofreu as bestiais e hidrófobas sanhas duns *livre-pensadeiros* fugidos de Rilhafoles), derruído pelourinhos — até, santo Deus!, os símbolos da jurisdição municipal! — e degolado estátuas; entende-se prestamente a expediência, o franco afan do saque do património artístico (pinturas, vitrais, azulejos, tecidos, ourivesarias, talhas, etc.), ademais pruído pela cobiça das libras de cavalinho, isca luzidia do *vigário* contado pelos estrangeiros à ignorância, à estupidéz e à cupidéz nacionais. De maior liquidação, formando varrer de feira, não reza a história...

Enfim, um *mare-magnum* de vandalismos, sevícias, cefalománias, dissipações, selvajarias e iconoclastias!

Manteve-se pelos monumentos e pelas obras de arte um desprêso sistemático, grosseiro e testagudo, um desdem de espíritos fortes de três ao vintem, que os arredaram de suas cuidanças e dêles riram como de velharias inúteis, como indítosas lembranças de épocas acanhadas, de sombria sujeição do povo soberano e do espírito. Quanto pode o desnorreamento cerebral emparelhado com a ignorância!

Como, pois, pensar em protegê-los, em conservá-los?! Bntão os governos, incumbidos da boa administração do país, haviam de gastar o dinheiro do povo livre em patrocinar as testemunhas do povo escravizado, dos tempos das trevas ominosas? Depois, com as esfallantes canceiras das eleições, com a freima patriótica de atender a voracidade das clientelas, sagrados esteios dos partidos (para Urbano Loureiro eram quebrados, ou melhor, uma coqueirada tal que ninguém a entendia), havia lá tempo para tratar de futezas, de momfentas curiosidades? para ouvir os raros *cardás* que de quando em quando surgiam *imberlincules* a requestar piedade para os venerandos engeitados?

Todayia, na França, onde a par de gravísimos erros e desmandos terríficantes sempre lucilam coriscos de bom senso, desde 1812 se tem publicado decretos defensores dos monumentos e peças artísticas. Simples diferença de cultura...

Nos últimos lustros, decerto, a situação melhorou um bocadinho, não tanto pelo espontâneo reconhecimento oficial da alta valia intrínseca e extrínseca dos mesmos como pelos clamores dos *cardás*, fartamente medrados nesta vintena, sem que, no entanto, se haja conseguido a libertação da Torre de Belém, bela e peregrina jóia arquitectónica conspurcada por ignaros traficantes. Verdade seja, porém, que nem sempre foram eficientes as disposições protectoras pela falta de capacidade dos seus executores, cujo exemplo mais frizante está na Sé de Lisboa, embora outros se contem na Batalha, no castelo de Leiria, na Sé do Pôrto, etc.

Mas é no derradeiro ano, com a acção ministerial do Dr. Alfredo de Magalhães, que se

registra um acentuado progresso, um longo avanço na protecção arqueológico-artística. Todayia, quando tudo recomendava que não houvesse quebra do plano reconstitutivo do património monumental, soluções de continuidade na obra reformadora dos padrões da nossa gloriosa história, é precisamente quando, mais uma vez, se manifesta a deplorável pecha nacional de suspender os bons desígnios. E a exposição de Sevilha à porta... E nós a quereremos passar por civilizados...

Ora tal continuidade não se impõe pelo formal, conquanto justo e necessário, princípio de conservação dos monumentos, mas pelo que êles valem como réclamo para o país, pelo que representam historicamente, quer quanto à vida social da grei quer quanto ao seu desenvolvimento artístico, e pelas suas amplas funções educativas e instrutivas — tam úteis a nacionais quam a estrangeiros.

Na verdade, já lá vai o tempo em que o viajante constituía um rito de boa sociedade, um agradável recreio, do qual se retinham os encantos da paisagem e dos panoramas e as belezas e fealdades dos povoado, que ao-depois serviam para os cavacos dos serões ou para exhibicionismo nas praças e nos clubes, de roda um bando de atentos auditores.

Se tal *desideratum* não caducou, certo é que outro o sobreleva, qual o de ver e admirar as obras dos nossos maiores, o de as reverenciar



Claustro da Sé Velha de Coimbra



Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra — Cadeiras do coro



Pórtico de Capela em Coimbra

como relíquias do passado nobilíssimo, o de estudar e apreciar o seu valor e o seu desenvolvimento artístico, bem como o seu significado mental-social. Não é já uma simples curiosidade de viajero descuidado, partida dos olhos, mas um interesse pródigo, fixo no espírito dos excursionistas com objectivo determinado e profícuo. Dê-lo nos dão boa prova o zelo de conhecimentos e o empenho de informes, tanto históricos como artísticos e arqueológicos, que patenteiam quasi todos os visitantes dos monumentos, que hoje se contam já por milhares, os quais, malafortunadamente, quasi sempre ficam logrados, com manifesto pezar e tédio, pois não são as cega-regas dos seus guardas que satisfazem e substituem as breves e lúcidas lições desejadas. Estas não faltam no estrangeiro, onde o estudo e o amor dos monumentos realizam uma função de boa cultura, assim como outros adequados meios de propaganda e difusão.

Em Portugal, a sã e diligente curiosidade dosromeiros leigos não encontra pasto, não dispõe de elementos que a ensinem e guiem, pois, por um lado, faltam as obras sintéticas de criteriosa

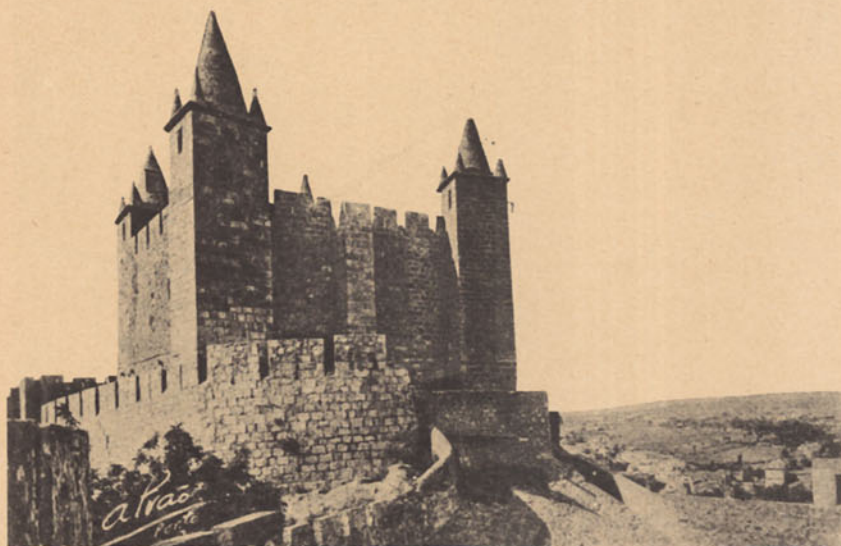
vulgarização (lâcuna que breve será preenchida com a colectânea *Monumentos de Portugal*), e, pelo outro, está por estudar uma grande parte dos valores artístico-monumentais, ainda que sobre a menor já existam bastantes, vários dêles de boa qualidade, trabalhos críticos e de investigação. Verdade seja que nas mágicas esferas do Poder nunca houve quem nisso pensasse — quanto mais quem tal protegesse!... Ora sem estímulos oficiais, sem patrocínio do alto, não é fácil a realização desses estudos, dessa obras, sempre dispendiosas, cuja falta, porém, redundam em prejuizo nacional e apouquento o prestígio do país.

Os próprios bilhetes postais ilustrados, da utilidade reclamante mais vigorosa, quasi não existem e os que se nos oferecem, salvante os de Coimbra e do Castelo da Feira, são uma lâstima, uma vergonha. No entanto nunca houve, nem dos governos centrais nem dos locais, quem se lembrasse de obstar ao seu alastramento, nem mesmo em Sintra e Lisboa,

mais simples e vantajosos processos de propagação nacional!...

Para agravo do caso temos aí à porta a exposição de Sevilha que nos vai meter em casa uma farta soma de milhares de estrangeiros, os quais, com olhos ávidos de ver e examinar, de estudar e aprender, a correrão de lés a lés e dela desejarão levar lembranças fúteis e variadas.

A maré, pois, é magnífica quer para os convencermos de que estão num país civilizado quer para que se fartem com as maravilhas da nossa paisagem, com os primores da nossa arte plástica e architectónica, assim como para que aprendam a história portentosa de Portugal nos seus excelentes monumentos do medievalismo até ao século XIX: catedrais, igrejas, castelos, muralhas, Batalha (o padrão eterno e insigne da independência), Sintra, Queluz, Mafra, Jerónimos (a biblia dos descobrimentos), Tomar, Bacalhão, etc., que vasta e admiravelmente demonstram o nosso esplendor e a nossa superioridade civilizadora no passado.



Castelo da Feira

tam concorridas de estrangeiros.

Que juizo farão ães, ante tais míseras reproduções fotográficas e ante as maravilhosas belezas naturais, monumentais e artísticas do país, do nosso siso, do nosso critério, da nossa civilização?

Como tam idiotamente se malbarata um dos

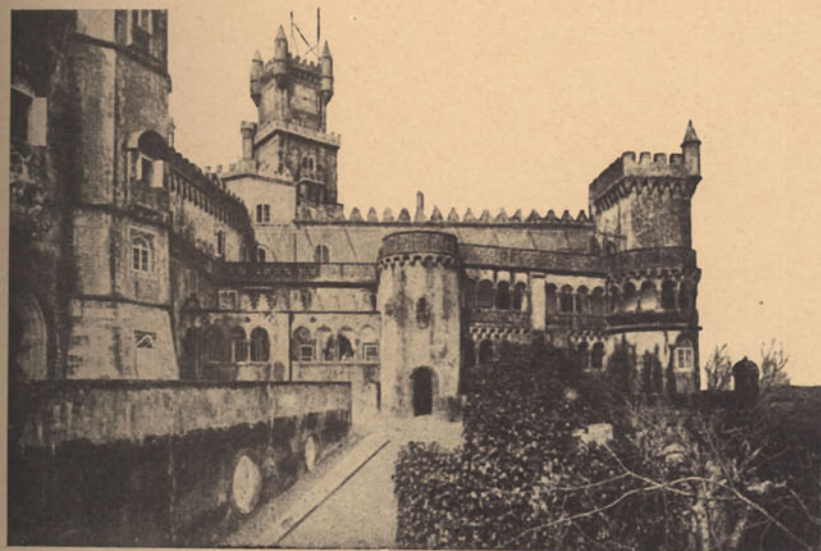
Viu bem a sua magna vantagem e o partido a grangear-se com ela o Dr. Alfredo de Magalhães, que na melhor forma de os aproveitar chidou sollicitamente.

Decerto, não é só com algumas breves monografias, em parte realizadas por simples literatos alheios a investigações históricas, artísticas e arqueológicas, que o problema se resolve, porquanto, na verdade, não basta mostrar Portugal aos estrangeiros mas também aos portugueses, que, positivamente, não o conhecem. Este segundo aspecto do problema não é menos patriótico que o outro.

A par de monografias e guias locais é mister a existência de boas fotografias, de bons postais e albums, preenchidos criteriosamente, de gráficos das rédes ferroviárias e das estradas, de tabelas das ligações mais fúteis.

Cumpru, neste ensejo, lembrar e realçar a esplêndida obra que é a *Guia de Portugal*, desveladamente organizada por Raúl Proença, a qual constitui um patriótico e admirável serviço prestado ao país. Se preencheu, porém, uma grande lâcuna e se contribuiu primorosamente para a boa propaganda do país, nem por isso deixa de haver margem para a execução de outras iniciativas do mesmo género e com a mesma finalidade, embora com orientações diversas.

A favor dos monnmentos muito já fez o Dr. Alfredo de Magalhães. É necessário, todavia, que se não perca o impulso, que se prossiga no caminho desbravado, que se apadrinhe e fomenta a propagação do interesse e do amor pelos velhos padrões da nossa história. O que tal fizer realiza uma obra meritória e patriótica e bem merecerá da nação.



Sintra — Palácio da Pena

NOS CAMPOS DE BATALHA DA FLANDRES

(NOTAS DE VIAGEM)

(Continuação do número anterior)



Um «tank» alemão abandonado pelos tripulantes

Nesta cidadezita, que foi populosa e activa, palpita-se a rarefação da gente. Os vai-vens, mais que os morticínios da guerra, dizimaram os seus moradores. Nestas casas novas, ao menos, as famílias não vivem nem morrem empilhadas. E aquelas ruínas, onde se enxergam os rombos feitos pelas granadas, largos como cubos de moíno, ficarão a arruinar-se para recreio dos turistas e glória de terra. Já está de pé o Hotel de Ville onde um obuz traiçoeiro, oito dias depois da retirada alemã, esfacelou dois deputados, de romaria ao lugar; já estão de pé as escolas; já na igreja se voltou a adorar o Deus da paz e do amor.

ESTRADA DE ARRAS. — Diante de nós a estrada dilata-se, afunila-se num galão sem fim. Debaixo da neblina, que agora paira, leve e brandamente violeta, sôbre o chão molhado, afigura-se-nos que vai descendo e contornando um sector esferoidal da Terra. Estamos na Via Ápia do Império Britânico. A beira das valetas, nos oiteirinhos suaves, a todo o pano dos horizontes, luzem estelas funerárias e monumentos de pedra e de bronze. Daqui até Albert jaz o grosso de 1.500.000 homens, que morreram envergando uniforme inglês. A campina inteira trasborda de melancolia. Fala-se e a voz encontra eco dentro de nós próprios, como se estivéssemos numa imensa catedral, onde se movem sombras dolentes, espirituais. Não parece até bem falar alto; pisa-se um chão de necrópole e qualquer coisa de metapsíquico nos adverte que os mortos escutam. Escutam e o bosque de suas sepulturas brancas, denso, quasi compacto, dá-nos a noção esmagadora do seu número e da revoltante vesânia de que se tomou a humanidade. São eles aos milhares :

logo aqui à nossa mão esquerda, neste cemitério de Warlencourt, com o seu pórtico em duas ordens de colunas, sôbre que assenta uma cúpula baixa; mais além, à direita, es-corregando pela encosta, o cemitério de Hamel; logo abaixo, o de Thiepval; a seguir o de Orvillers; frente a este o de La Boisselle; mais longe, o de Contalmaison, que se não vê; ainda o da estrada de Bapaume; ainda o de Albert; e, esparsas, pelas lombas do terreno e no fundo das excavações, abertas pelas

minas e as granadas, de madeira, de pedra, de ferro, cruces, mais cruces, sempre cruces.

Warlencourt foi para os ingleses o que o Mort-Homme foi para os franceses: uma fortaleza inexpugnável até o fim da guerra. Cinco cruces no tope da colina comemoram as cinco unidades britânicas que ali foram exterminadas no ataque de 1916. Negras, altas, de corte diferente, são cinco fantasmas que conversam e o seu vulto enche de espanto os horizontes. Em baixo, o cemitério desde que se vai por êle fora, acolhe-nos com um ar prazenteiro, de jardim. Nos alegretes floriram violetas e crisântemos; a relva vai orlando as campas, estendendo-se em passadeira pelas áreas, vestindo os espaços nus como um maleável e estudado veludo. Rosseiras de trepar marinhã pelas paredes.

Paira aqui um silêncio imponderável, como suspenso da malha fina da bruma, acrescido da mudez dos mortos que se sentem debaixo das lousas lavradas. Ninguém? Não, lá ao fundo uma linda mulher, coberta de crepes, de pé, cabeça dobrada, reza, seisma, evoca, ante um dos covais, perdido a meio da branca floresta da pedra. Não se move; não nos olha; não pestaneja. É a dôr? É a saudade? A sua imobilidade derrama na imobilidade ambiente, uma graça escultural. Fica bem na alvura das campas a sua têt pálida; as arestas finas do seu rosto condizem com os ângulos daquela arquitectura linear; o cisco preto quadra elegiacamente ao jardim dos trespassados. Sinto um apetite irreprimível de colher os goivos, as violetas, os crisântemos, as raras rosas, e, deitando-lhe tôdas estas flores, dizer-lhe: Quem assim é jovem e formosa, deve meditar na vida que não na morte. Venha viver!

O pensamento era louco, eu o reconheci, e de mansinho, reverentes, nos afastámos todos. Adeus, cemitério de Warlencourt, com tuas cinzas heróicas, tuas rosas enfêzadas e a viçosa e dolorida mulher!

COURCELETTE. — Daqui rompeu o primeiro tank contra as linhas alemãs, segundo reza a memória que, orgulhosa, se ergue à beira da estrada. Face a face, uma cruz alta,



Courcelette, onde foi a igreja e foram casas

de bronze, negra como o carvão, esquadrejada, lembra os soldados highlanders que ali morderam o pó. Do meio de silvas e plantas bravias, um posto de observação, de cimento armado, com a empena fendida de alto a baixo, miserável, mostra um interior com o seu mixto de púlpito e de casamata. As bandas, negrejam os boqueirões dos abrigos, como escuros e cautelosos antros de lobos. Estes metros de solo entre duas lombas e duas valas, eram a terra de ninguém; lavrou-a metralha meses a fio, noite e dia. É negra, calcinada, pontilhada de covas; parece uma paisagem lunar. Courcellette era uma aldeia próspera e sossegada; o bombardeamento não deixou de suas casas, de sua igreja, pedra sobre pedra; a própria pedra ficou reduzida a um montão de areia e brita miuda.

Thiepval fica logo abaixo, assinalado pela luta titânica, de que foi teatro, entre o 180 do Wurtemburgo, um batalhão da guarda prussiana, e tropas de Wiltshire e de Worcestershire. A metralha arrazou literalmente tudo, inclusive o castelo de grossa silharia; o solo foi tão revolvido que a camada de terra vegetal cambiou com o saibro, fundo de muitos metros, ficando o chão maninho, para sempre amaldiçoado. A hecatombe deu para encher dois imensos cemitérios, dos quais, o de Hamel, a um tiro de espingarda sob o dilúculo da névoa, parece uma colina inteira



Aspectos da guerra. — Na estrada de Bapaume a Albert

Por toda a parte cemitérios, cruzes, cruzeiros negros. A alma enregelada perante tantos trofeus fúnebres, como o corpo com o moli-

nheiro glacial. Luzem ao longe as telhas de Albert reedificada. Passa por ali e segue adiante a Via Apia de Britânia, senhora dos continentes e dos mares.



Cemitério inglês na estrada de Bapaume

ALBERT. — Leve pendor da estrada; taludes; uma taboleta à entrada dum atalho, como os avisos nas vinhas de Portugal *aquí há ratociras*, de que só se decifra nos dizeres semi-extintos a palavra *verboten*; um arredo de poucos anos, que deve ser um parque e parece um viveiro; todo o jôgo de empenas, de panos de muros, de cumieiras, de tintas, dum casario conglomerado, no fundo: Albert.

A cacimba miuda, insistente, peganhosa, claustrou os habitantes em suas moradias; nas ruas, talvez porque estejam desertas, os prédios têm um ar flagrante de improvisação e fragilidade; não lançaram raízes no solo; devem ser assim os lares dos judeus na nova Sião; até que esta cidade volte a adquirir alma, hão de passar gerações.

(Continua)

AGUILINO RIBEIRO.

coberta de lírios. Foi em Hamel que se deu o episódio tão falado da mulher que, variando o engate do cavalo branco e do cavalo vermelho, dava senhas ao inimigo.

A esquerda ficava Pozières, hoje terra razea, sobre que se erguem apenas as arnelas dum observatório alemão, colossal como tórre de menagem, e que duzentas metralhadoras defendiam. Mais adiante, Orvillers: outro cemitério, paisagens lunares, abrigos, trincheiras desmanteladas, sucatas ferrugentas. Mesmo sobre a estrada, Boisselle, um dos grandes passos da via sacra. Um cemitério que não tem fim; uma cratera de 60 metros de diâmetro por 25 de profundidade, aberta pela explosão duma mina, carregada de *cheddite*. No fundo, uma cruz, em memória dos soldados britânicos que ali ficaram para sempre sepultados, debaixo de muitos metros de terra, sem mais ninguém os ver nem lhes escutar os gemidos. Aquí se travou longa e renhida guerra de minas. O terreno, que era plano, converteu-se num acidentadíssimo barrocal.



A Basílica de Albert com a *Virgem Ietra*, inclinada, no alto da tórre, a determinada altura do bombardeamento



JEAN IIII PAR LA GRACE DE DIEU ROY
de Portugal et des Algarves deus et de la mer
d'Afrique, et de la Comté de Casanque nascent et
de l'Inde, et de l'Empire de l'Inde.

D. João IV, rei de Portugal

Há pouquíssimas semanas, o programa de um dos concertos sinfónicos do Gimmásio, sob a regência do maestro Fernandes Fão, abria um parêntese, todo frescura e suavidade, com a apresentação do «Côro mixto da Sociedade Coral de Duarte Lobo» que interpretava, a «capella», alguns trechos de polifonia vocal portuguesa dos séculos XVI e XVII.

«A capella» significa *sem acompanhamento instrumental*, e «polifonia» exprime, no sentido meramente técnico, *conjunto cujas diferentes partes ou vozes são tratadas melódicamente de modo independente*.

Mesmo áqueles que só de longe seguem a música, não são duro e extranho o nome de Palestrina. Pois foi precisamente Palestrina o maior representante da polifonia vocal, no seu tempo o valor equivalente aos valores que mais tarde foram J. S. Bach, Beethoven, Wagner.

Mas pertenceu Palestrina aos vivos precisamente no século XVI, e se nós queremos reconstruir, com mais ou menos auxílio da fantasia, o ambiente daqueles tempos em que o grande Galileu estava à espera de ver-se encarcerado por afirmar que a terra girava em torno do sol, temos de apagar o quadro negro onde o presente vai traçando hora a hora cenários nossos e silhuetas nossas, temos de esquecer também os bisavós, Chopin, Schumann, papá Hugo, Garrett e Hercúlo, e até os bisavós d'esses, as reluzentes personalidades que participavam dos esplendores das côrtes dum Luís XIV rei de França ou dum D. João V, de Portugal...

Os degraus de história que temos de subir não nos levam, todavia, tão longe que perca mos de todo a impressão de filiação, sendo, no entanto, um facto que vamos encontrar outros instrumentos, outras formas, outra notação musical, outros processos, outros hábitos. Do que seja para nós hoje uma orquestra sinfónica, — nem esbôço; de coisa parecida com um piano, nem o cravo ainda sequer!... Teatros ou circos, ou sejam representações populares, só grosseiras representações de feira, além de que o povo sempre cantou e bailou; nos Paços se concentrava o movimento mais desenvolvido das diversões artísticas; e as mais elevadas manifestações musicais não se desprendem ainda da liturgia, pois não vai longe a florescência religiosa iniciada pela Idade-Média.

As formas mais aperfeiçoadas dessa época são, pois, formas litúrgicas, — Missas, Motetes, Resposos, Vilancicos, — e muitos foram que prepararam a estrêla gloriosa de Pales-

O "RENASCIMENTO MUSICAL,"

E UM DOS ASPECTOS DOS SEUS TRABALHOS ACTUAIS

trina. Quasi um século antes, o neerlandês Okeghem instituiu as bases seguras do género. A seguir, Josquin de Près, um flamengo, deixava missas e motetos imorredoiros, e morria ainda Palestrina não era nascido.

Seria um erro julgar que não existia paralelamente a essa música vocal uma música instrumental de certo requinte; mas ao passo que esta foi evoluindo, não deixando nada que hoje em dia se pudesse reconstituir, aquela deixou uma vastíssima produção, duma técnica que no género nunca mais foi atingida desde que se perdeu o treino, e duma beleza imorredoiira. Feitas para as vozes, uma vez que um grupo coral se dê ao trabalho de reabilitar-se às suas exigências e dificuldades, reaparecem através as vozes, frescas e claras como o eram há quatro, há dez e há trinta séculos se estavam afeitas a cantar, talqualmente tivessem sido ideadas por uma pleiade de compositores do nosso tempo. Como já se tem dito acertadamente, a substância musical não se altera tão profundamente com o andar dos séculos; os meios é que diferem, — e um compositor actual com meios actuais, — electrofonia até, talvez, que bem será porventura ainda do futuro, — pode aproveitar sistemas musicais remotos ou temas antigos sem que ninguém se lembre de dar pelo *vetusto*.

As inevitáveis trocas, — isto é, as formas profanas que se foram enxertando nas formas litúrgicas, e os motivos populares que iam sendo aproveitados para temas de obras litúrgicas, — os elementos novos que as Cruzadas e as Conquistas introduziam no Ocidente, as mil ramificações que raiavam dessa arte como raiam da nossa, tornam-se áridos logo que têm de limitar-se ao conhecimento de compêndio; por isso, abandonamo-las hoje sem escrúpulo, a favor dos polifonistas vocais portugueses que o grupo coral «Duarte Lobo» deu a conhecer.

São êles Duarte Lobo, — o padroiro do grupo coral, — tido como o maior de todos, nascido em 1540, morrendo centenário. Foi, portanto, um pouco posterior a Palestrina, e contemporâneo do espanhol Vittoria e do flamengo Orlando Lassus. É interessante frisar que a sua vida activa decorreu, por assim dizer, durante a invasão espanhola, o reino dos Filipes. Outra grande figura musical foi D. João IV, precisamente o rei da Restauração, em 1640, — célebre já como compositor, já, como desvelado protector da música, reunindo uma biblioteca duma riqueza estupenda de que, infelizmente, resta apenas, e desde séculos já, o catálogo.

Não esqueçamos de que a êsse tempo já se foi caminhando, evoluindo: o cravo tem existência definitiva (enquanto se não modifica em piano-forte...). Lulli está em vésperas de instituir a sua célebre falange dos «petits violons du roi», Monteverli já afirmou o pleno triunfo do estilo da ópera, já reconhecemos nitidamente alguns dos instrumentos que são hoje os nossos, — enquanto que vão rareando, as missas e os motetos de estilo Palestriniano. Mesmo o fragmento de D. João IV, excetado pelo grupo coral «Duarte Lobo» tem qualquer coisa de teatral, uma maior preocupação de efeitos de harmonia vinçada do que da ornamentação castiça das melodias quando sobrepostas como a enlaçar-se umas às outras...

Quanto a Filipe de Magalhães, da mesma época, dá-nos pelo contrário a impressão de ter guardado intacta a tradição.

Decerto, a tarefa do grupo coral «Duarte Lobo» não deve dar-se por acabada. Dirige-o um jovem músico de valor, Sampaio Ribcero, e são agrupados sob a égide do Renascimento Musical, por sua vez fundados e dirigidos por Ivo Cruz, que está actualmente a completar o seu curso de composição estética em Munich, e Eduardo Libório, outro original espírito artístico.

Quere cingir-se por enquanto o «Renascimento» à propagação da música portuguesa, partindo dos seus fundamentos nacionais. Mas se já é alguma coisa o que existe, nem tudo está refinado ainda, e o que há, quasi tudo em notação do tempo, muito diferente da actual, como já dissemos, e civada de erros quando posteriormente transcrita, tem de ser reconstituído com verdadeiro critério e paciência de beneditino.

Seria do mais alto interesse apurar e reconstituir o que acaso resta da obra de outro português ilustre, Damião de Góis, que pertenceu aos vivos de 1500 a 1574, anteriormente um pouco, pois, a Duarte Lobo. Criatura viajada, vivendo em plena época do incremento que as descobertas davam às artes, contemporâneo do suíço Glarean, universalmente conhecido pela sua «crudição», com quem teve conhecimento e a quem mereceu menção, é da máxima probabilidade que tenha sido de facto um artista de primeira grandeza.

Nestes tempos em que se quere devorar o presente, acumulando sensações de fugitiva vibração, consola constatar que ainda há quem tenha fôlego de virar-se para o passado, a querer reconstituir-lhe a possível riqueza, e a pedir-lhe mais uma razão de fé no futuro.

FRANCINE BENOIT.



EDVARDVS LVPVS IN OLISIPONENSI
ECCLESIA MVSVICES PRÆFECTVS.

O musicógrafo Duarte Lobo



A CASA PORTUGUESA



SEMPRE NOIVA

ARRAIOLOS

Raro exemplo de palácio campestre duma época em que elementos góticos e ressaibos mouriscos se despediam da nossa arquitectura. Foi este solar edificado pelo bispo D. Afonso de Portugal nos princípios do século XVI. Até há cerca de quarenta anos conservava a sua graciosa silhueta ameiada, culminante em elegantes coruchéus, que marcava um dos mais interessantes monumentos da nossa arquitectura civil; mas certo proprietário de bár-



baro entendimento houve então por bem mutilar esta preciosa edificação nas suas mais características feições, com provável intuito de a modernizar. Ainda assim é o monumento muito apreciável e encanta pela graça de seus vãos geminados, pelo bem lan-



çado da escada e pelo mais que resta e que pôde resistir à mordedura do tempo e à sanha do Homem. É hoje propriedade do sr. José Franco

(Clichés, com aparelho «Kodak», do sr. Joaquim Freire de Matos Fernandes)



F E M I

N I N A



EM CIMA: — Manteau de Redfern em ve-
ludo negro e arminhos

EM BAIXO: Vestido em crepe georgette
vermelho criação de Jean Magnin

NO ÓVAL, do alto da página: — Uma criação
de Dreccoll-Beer: Manteau em pano setim
pinto guarnecido a pele de linco

Uma delicada criação de Cora Marson, evocadora da formosa Venesa

EM CIMA: — Vestido de noite em crepe
georgette cerise guarnecido a pérolas — Cria-
ção Dreccoll-Beer

EM BAIXO: — Criação Dreccoll-Beer: vestido
de noite em rendas de seda pretas

NO MEDALHÃO CENTRAL: — Um deli-
cioso e original chapéu de Lewis em feltro
grosso verde escuro

(Todas as fotos desta página são de G. L. Manuel Frères — Paris)

PÁGINAS DA HISTÓRIA

A MORTE DO CONDE DE LINHARES,

D. RODRIGO DE SOUSA COUTINHO

Quando D. Rodrigo de Sousa Coutinho penetrou na sala da merenda, sobre a arca marmelina de jacarandá, o relógio de mármore e bronze bateu, sonoramente, sete horas.

Já dois criados de copa, nos seus fardões vistosos, estavam a postos, e, sobre a mesa oval de comer, marcando o lugar de S. Ex.^a um pratinho de caldo de frangões, decorativamente empenachado de fumo e cheirando a hortelã.

Bram sete horas e o dia abafava.

D. Rodrigo, mesmo em pé, visivelmente nervoso, sorveu o caldo, recusou as fatias de anho frio destacadas ao fundo de uma travessa de porcelana da Índia, os frutos da açafata, e, fazendo-se seguir pela ordenança da pasta, correu a enfiar-se no coche que o levaria caminho de São Cristóvão.

Foi o Lobato o primeiro que o recebeu, no saguão do Palácio, importante, também nervoso, fazendo saltar os sinetes de rubis na sua velha casaca de briche cor de rapé, barbando nos debruns :

— Sua Alteza Rial, já perguntou por V. Ex.^a várias vezes, sr. ministro. Sua Alteza Rial desde ontem que arde em desejos de lhe falar.

D. Rodrigo franziu o sobrolho :

— Sua Alteza Rial convocou-me para hoje, às 8 horas. Sou pontual. De resto, deve Sua Alteza Rial saber que os seus ministros também almoçam, e, que, ainda não se estabeleceram, para este Reino, a praxe do almoço às 5 horas da manhã.

E foi-se encaminhando para a sala dos despachos, seguido da ordenança da pasta e do

válido que esfregava as mãos, sempre muito sério, um vasto rugão na testa.

Naquêle momento, justamente, Sua Alteza Rial estava na câmara da sr.^a Rainha, informou, ainda, o Lobato. Não devia demorar-se. S. Ex.^a que fizesse a delicadeza de esperar um bocadinho, que um aviso já expedira desde que

o coche de S. Ex.^a assomara, longe, caminho de Palácio.

E sempre a esfregar as mãos, muito preocupado :

— V. Ex.^a sabe, certamente, do que se vai tratar?

— Não havia de saber! tornou o conde, seu-



D. Rodrigo de Sousa Coutinho, 2.^a conde de Linhares

tando-se, a olhar o retrato de D. Maria I, moça, em frente, na sua moldura de páu santo, feita no gósto rocóco. — Não havia de saber!

— Uma questão de enormíssima importância, e, que faz mover tantos nobres, nesta côrte...

— Diga, antes vossa mercê, tornou D. Rodrigo, num ar de indiferença ou facécia — uma questão que faz mover alguns interessados que mais se inquietam pelos prejuizos que lhe dizem respeito que pelos justos interesses e lucros destes reinos.

•
•

Lobato, avisado e prudente, achou de bom alvitre calar. Levantou os hombros, como a mostrar-se vencido. Foi até à janela, olhou a labareda do sol forte lambendo o verde claro da paisagem, e, batia, distraído, na tampa sonora da sua tabaqueira de xarão, a primeira pitada da manhã, quando, de improviso, pelo aposento, irrompeu a figura balofa do Regente, a beiçola flácida, a papada trémula, arrimado ao seu velho bengalão de jaspero sanguíneo.

— Beijo as mãos de Vossa Alteza Real, disse D. Rodrigo de Sousa Coutinho, numa profunda e solene cortezia.

— Muitos santos dias, sr. conde, muitos santos dias, respondeu D. João, que foi sentar-se sobre a *bergère* que trouxera da Ajuda, tão cômoda, e que lhe servira, a bordo, para a hora da sesta e digestão dos frangos.

Ao conde de Linhares não podia escapar o mau humor do príncipe. Sômente, áquêle mau humor excedia, e de mais, às suas especulações psicológicas. A luta, a travar-se, tinha que ser tremenda. O príncipe, porém, pensava, ainda, D. Rodrigo, não poderia vencê-lo com razões que, de facto, não fôsses as justas razões de Estado.

E esperava pela palavra do Regente, quando este lhe falou, os olhos postos nos desenhos apagados de um antigo tapete de Arraiolos:

— Creio que V. Ex.^a, sr. conde de Linhares, leva em demasia, as suas atribuições de ministro, pois, de outra fórma não se explica a attitude, por V. Ex.^a, externada, ontem, nesta sala, a propósito dos negócios da Companhia do Alto Douro.

— Vossa Alteza pediu, francamente, a opinião de um de seus ministros relativa a interesses de sua pasta. O ministro de Vossa Alteza não regateou franquezas e deu, a ná, a opinião que lhe ditaram a sinceridade e o dever, o pensamento, apenas, nos interesses e na honra destes reinos. Um ministro que assim procede, Alteza, respondendo a seu príncipe, não exorbita. Parece...

D. João teve gesto de amuo:

— Sim? V. Ex.^a assim fala, mas, tal não dizem os amigos do peito de V. Ex.^a que afirmam não corresponder à sinceridade do meu ministro as palavras por êle próprio emitidas com relação a êstes negócios...

D. Rodrigo empalideceu:

— Vossa Alteza me humilha com tal propósito, e, me offenderia, enormemente, se eu não descobrisse nas palavras que ouço agora, o veneno, a insinuação malévola de detractores gratuitos, ou quiçá, de interessados num ilfeto e vergonhoso negócio.

D. João levantou-se e bateu com a bengala no chão.

— Cale-se, e já, V. Ex.^a que en não posso admitir que se ofenda a melhor nobreza dos meus reinos.

— Peço, de joelhos, mil perdões a Vossa Alteza Rial, mas, a nobreza que intriga e que recalca os justos interêsses da pátria em proveito dos seus interêsses privados, não merece louvores, senão agravos. E eu começo por assumir, integralmente, as afirmações categóricas que faço a Vossa Alteza. Não é mais o ministro dos Estrangeiros quem fala neste momento ao seu Príncipe, aquêle que neste mesmo momento, mui respeitadamente, depõe aos pés de Vossa Alteza Rial a pasta dos negócios de que tratava — é o conde de Linhares — D. Rodrigo de Sousa Coutinho...

D. João ficou atônito, sem uma palavra capaz de responder áquella tirada insolente. Pôs-se a passear, nervosamente, pela sala.

Súbito, estacou deante de D. Rodrigo:

— Saiba V. Ex.^a que quem dirige os negócios dêste reino sou eu; que a minha vontade é a que deve ser acatada e cumprida. O senhor conde não sabe nada do que acaba de dizer. O

negócio será realizado. E de acôrdo com a vontade dos intrigantes, ouviu?

E alteando a voz:

— De acôrdo com a vontade dos intrigantes! Sim, comigo, os intrigantes e o ministro que hei de mandar pôr em seu lugar, grande farçola...

E exaltando-se, os olhos quási fóra das órbitas, a beiçola pálida, o ôlho em bugalho:

— Farçola, pulha, ouviu? Um homem que só mesmo pela minha generosidade deixa de ser castigado como merece.

E ergueu, num gesto de ameaça, o bengalão pesado.

— Castigado por quem, alteza? indagou, num gesto de impulsão, D. Rodrigo de Sousa Coutinho.

D. João ergueu ainda mais alto a sua bengala terrível e berrou:

— Por mim!

O conde de Linhares, arfando, trémulo, uma grande mágua no coração, cruzou os braços, affectou calma e respondeu:

— Vossa Alteza não terá coragem para tanto!

Foi quando a cortina de damasco da janela olhando o parque rasgou-se, fremiu, deixando passar a figura do Lobato, a correr, na ânsia natural de impedir o grande gesto de desvairo do príncipe.

Mas já D. Rodrigo de Sousa Coutinho cambaleando caía, a fronte fendida pela bengala de jaspero do sr. D. João...

LUIS EDMUNDO.

NOTA — D. Rodrigo faleceu quatro dias após a escandalosa violência do príncipe que os historiadores, em geral, pintam como um homem extremamente pacífico, quási pusillânime...

Frei Tibúrcio José da Rocha, chamado para confessá-lo — diz o sr. Melo Morais Paí — suspeitou que o conde estivesse envenenado por algum tóxico ou pela paixão causada pela desfeita. O facto é que a 26 de Janeiro de 1812, de modo inesperado e misterioso, desaparecia do número dos vivos, D. Rodrigo de Sousa Coutinho, conde de Linhares, ministro do Regente D. João e grande amigo do Brasil.

L. E.

O MODERNO TEATRO ESPANHOL

RIVAS CHERIF

CONTA Á «ILUSTRAÇÃO».

Cipriano Rivas Cherif é qualquer coisa assim como a crónica viva do teatro espanhol contemporâneo. Há uns bons vinte anos que é borboleteia, com a sua admirável curiosidade, de palco para palco e camarim para camarim, não havendo segredo de artista nem manha de comediante que resista à sua magnética simpatia, porque a simpatia dêste meu querido amigo é varinha mágica que atrai toda a nota de interesse, algumas indiscrições e até uma ou outra inconveniência. E entre estas ressalta aos olhos dos nossos malévolos pressentimentos a verdadeira idade de determinada «estrela» para quem o decorrer dos anos está resolvido pelo célebre teorema de Pitágoras: — na razão inversa do quadrado das distâncias.

— Que nova que é fulana! E que prestígio! Pois diz que não tem mais de trinta e cinco anos — informa o *contrelúlio* ingénuo em ar de revelação.

— Não há dúvida! Trinta e seis em... 1913 — atalha o Rivas com uma diabólica certeza.

E os dados, os incidentes, as coincidências, despenham-se em catadupa tão esmagadora que fulana, na plena exuberância dos seus trinta e cinco anos, não deve ter realmente senão... cinqüenta actos.

Para actores e actores é o rapazinho rico e inteligente, sem preocupações e bem intencionado, capaz, em qualquer momento, de prestar um favor ou alvitar uma ideia, que não vem conquistar um posto de competência nesta intrincada política dos scenários madrilenos. Quizesse ele, que bem mais perigosas seriam as suas armas que as de muitos que gozam da categoria de magnates e beneficiados de caciques. Mas, não, Rivas Cherif abstem-se de fundear nas águas borrascosas dos interesses que não lhe interessam, e passa de largo, binóculo assestado à peripécia reveladora, ao incidente divertido ou à anedocta edificante.

Assim, o depoimento do ilustre escritor neste processo que trago à *Ilustração* sobre assunto tão vibrante e sugestivo como o teatro espanhol contemporâneo, tem que se limitar a algumas anedoctas, peripécias e incidentes, a que o seu espírito dá *nuanças* repletas de vida, originalidade e imprevisão. Elas são bastante significativas para que o leitor possa chegar à intimidade do tema sobre o qual se estão pronunciando os mais firmes valores da Espanha teatral.

..... Termina a sinfonia. Sobe o pano ante a impaciência do público.

Revistas, livros e retratos numa magnífica desordem são o espelho vivo dêste mocinho traquina que salta entre problemas de cultura, movimentos inovadores da arte e as mais risonhas coisas da vida. Divertir-se, divertir-se sempre, é o ponto essencial. Entra em scena Rivas Cherif. Atenção!

— Em 1908 — começa o nosso homem — «El Liberal» promoveu um concurso de obras teatrais onde eu fui contemplado com uma menção honrosa. Recordo-me que o primeiro prémio coube a Eusebio Gorbea, infelizmente autor de *Los que no perdonan*, hoje meu companheiro nas lides do *Caracol*.

Formava parte do júri de classificação D. Jacinto Benavente. Fui cumprimentado e agradeceu-me a deferência que comigo teve, aproveitando a oportunidade para lhe apresentar a minha pretensão de ser actor, porque já então estava convencido, como ainda hoje estou, de que todo o bom autor deve ter um pouco de actor. Por essa época, todos os principais papéis das obras do insigne dramaturgo eram confiadas a uma actriz, bellissima mulher e gloriosa actriz, por sinal, que, apesar da idade, ainda conserva intactas todas as suas formidáveis qualidades.

O jornalista sente picada a sua curiosidade. Agarra-se à memória, relaciona factos, conjuga datas e deixa cair o nome de:



Cipriano Rivas Cherif, autor dramático e má língua...

— Rosario Pino?

— Já lá vai tanto tempo que não me lembro bem.

Como se vê, o mocinho travesso não quebra um prato. A sua diplomacia não dá lugar a mais indiscrições e continua:

— Sugeriu o nome dessa actriz, com quem o autor de *Los Intereses Creados* já não estava em boas relações, circunstância que eu desconhecia. O mestre meditou um pouco e ponderou: — «Não lhe aconselho essa. No caso mais favorável, o papel que melhor viria a fazer seria «El Último Chulo...», peça de «género chico» que não é a mais a propósito para pôr em relevo as faculdades que em si pressinto». Recomendou-me, então, outra Companhia, que nos últimos trinta anos foi detentora do melhor que em teatro houve nos palcos espanhóis.

Adivinha-se o nome doutra grande actriz, recentemente falecida, cujo enterro foi a maior manifestação de sentimento colectivo a que temos assistido. Ainda tentamos o esclarecimento do nosso amigo, que, por desgraça, resiste a qualquer investida.

— «Dirija-se lá — aconselhou Benavente — porque não deixardo de lhe dar um papel. Na hora em que a directora da Companhia lhe disser que não tem condições para a scena, pode ficar com a certeza de que é um bom actor!...»

— Benavente não quis também ser actor?

— E foi. Estreou-se com *La Fierecilla domada*, de Shakespeare, num teatro do bairro de Carabanchel. Também trabalhavam com ele o grande D. Ramón del Valle-Inclán e a actriz Concha Catalá, que era ainda uma criança com curiosidades scénicas. Interpretou depois um papel em *Cenizas*, do próprio autor de *Las Sonatas*, no teatro Lara, de Madrid, peça que mais tarde se chamou o *Yermo de las Almas*.

— Não foi nessa obra que Margarita Xirgú começou a trabalhar em castelhano?

— Exactamente. Até lhe posso contar uma anedocta que põe em destaque a genialidade do colossal historiador do *Ruedo Iberico*. Valle-Inclán soube pelo Marquês de Prémio Rial, que era, nessa época, o representante da inteligente actriz catalã, os triunfos ressonantes que esta obtinha com a sua obra, fazendo da protagonista uma autêntica criação, êxito que chegava ao delírio no momento em que Margarita simulava em scena uma morte com toda a violência dramática e o patetismo mais arrepiante. Como sabe, D. Ramón ha-de estar sempre contra uma provincia espanhola, às vezes pelos motivos mais futeis, não poupano nem a sua própria Galiza.

Nessa altura tocava a vez à Catalunha.

MUITAS COISAS ÁCIDAS

E PITORESCAS ..

— «Pues commigo no se luce esa catalunha!» — respondem êle ao Marquês.

E retirou-lhe a peça.

— Esses resentimentos de D. Ramón com La Xirgú...

— Datam daí, Margarita, passados alguns anos, quis conquistar as simpatias do grande escritor, que respeita e admira como todos nós. Houve emissários no caso — os amigos officiosos de sempre — que conseguiram entregar-lhe uma das suas maravilhosas comédias bárbaras: *El Embrujado*. Porém, a actriz não encontrou nessa obra papel que se adaptasse ao seu temperamento e tratou de conseguir que o autor a substituísse por outra. D. Ramón não só não acedeu como não tomou nada a bem que a peça, com tanto interesse solicitada, fôsse posta de parte. Aqui tem a origem da célebre questão do Teatro Fontalba.

Teve bastante êco em Portugal o caso a que se refere Rivas Cherif. Eu mesmo abordei o assunto numa entrevista que nessa altura me concedeu Valle-Inclán. Como a minha interpretação está em desacôrdo com a do meu amável interlocutor, parece-me oportuno transcrever aqui as minhas declarações de então:

«Algumas vezes os factos quando atravessam fronteiras desvirtuam-se. É difficil salvar as distâncias e há informadores que, acobertados neste recurso nem sempre infallível, fallham em verdade à força de intentarem interesse. Vítima dum informação destas foi a boa fé da imprensa portuguesa ao atribuir ao protesto de Valle-Inclán no Teatro Fontalba foros de grito de guerra castelhana contra as legiões insubmissas da Catalunha... Nada mais ridiculo e menos verdadeiro. O protesto de D. Ramón quando da estreia de *El hijo del Diablo*, do escritor catalão Joaquim Montaner, de quem êle é amigo pessoal, não foi contra a obra nem tanto pela interpretação como pela atitude incorrecta, inoportuna e irritante da «claque». A dignificação do teatro que, como expressão de Arte que é, exerce uma função social definida e tem aspectos que não podem nem devem estar submetidos aos seus resultados comerciais, exigiu um gesto e D. Ramón, que tem um nome e uma responsabilidade, safu à lição no uso dum direito e no cumprimento dum dever, em defesa da dama ultrajada. Foi uma questão artística e não uma questão política».

— Mas *El Embrujado* já tinha a sua história — documenta o simpático escritor. — Estava entregue a Galdós na época em que o autor de *Los Episodios Nacionales* dirigia o Teatro Espanhol, e quando, seguindo Valle-Inclán, êle saía à scena a agradecendo ao público disfarçado de mendigo. A obra não se representou, não se sabe porque. Era primeira actriz da Companhia a célebre Matilde Moreno. E a consequência lógica foi uma conferência do indomável poeta da *Lámpada Maravillosa*, na tribuna do Ateneu de Madrid, que assim começou: «La señorita Moreno, semejante aquel animal que despreciaba las uvas, se negó a hacer «El Embrujado»...»

— Que tal era Benavente como actor?

— A julgar pela sua opinião, óptimo. É natural; todos os grandes homens tem as suas fraquezas... Não pronunciava bem o *r*, mas êle pensava que sim. E trabalhava muito. Fez com Rosario Pino um papel na sua obra *Sin querer*, e até se aventurou ao *Crispín de Los Intereses Creados*, quando se apresentou também como actor Gregorio Martínez Sierra. Mas onde êle tinha muita graça era na interpretação do *D. Juan Tenorio*, de Zorrilla. Consuelo Torres, «La Manon», de famosa memória, dava uma Inês encantadora. E era ver então como Benavente se distinguia na romântica scena do sofá pela compreensão moderníssima do papel, modernismo que, por essa data, tinha o nome de... atrevimento. A cabecinha do insigne dramaturgo junto aos joelhos pomposos da sua adorada Inês... Ah! Ah!... Maviosíssimo! Eu

mesmo me meti com êle como actor. Conhece *La ciudad alegre y confiada?*

— Conheço. É a continuação de *Los Intereses Creados*.

— É uma obra francamente política, manrista e germanófila; inferior como tôdas as segundas partes. Havia-me sido então confiada, em substituição de Ramon Perez de Ayala, a crítica dos teatros na revista *España*, êsse grande esforço de Luís García Bilbao, a quem se deve, em grande parte, a dignificação do jornalismo espanhol. Na noite em que me tocou ir ao teatro, Emilio Tuillier adoeceu repentinamente, sendo substituído no seu papel pelo próprio Benavente. Como a obra era má e o interprete pior, a minha crítica foi inteiramente desfavorável e tão desfavorável que me valeu sair de *España*, revista, por sinal, abertamente francófila.

— E Benavente?

— Nunca se deu por aludido. Enquanto os amigos que o rodeavam deixaram de me falar, êle não deixou em nenhum momento de ser para mim o que sempre foi: um honroso amigo e um admirável mestre. Ainda no ano passado com a Xirgú fiz, em *La comida de las fieras*, o mesmo papel em que se estrea Valle-Inclán, que, como já lhe disse, também teve os seus pruridos de actor dramático. E foi por indicação do próprio Benavente que criei um papel em *No quiero, no quiero*.

A conversa vai entre o Benavente de ontem e o Benavente de hoje.

— Quanto a mim, Benavente — digo a Rivas Cherif — foi sempre o mesmo; não mudou. Quem mudou foi a sensibilidade colectiva que agora exige outras normas e novos elementos de teatro.

— Ha, no entanto, obras entre o seu variado reportório — replica — que resistem a tôdas as evoluções da sensibilidade.

— Por exemplo?

— *Señora Ana, La malquerida, Los Intereses Creados, Todos somos unos*, um delicioso sainete de que já ninguém se lembra, etc.

— De acôrdo.

— A D. Maria Guerrero conhecia — evoca o ameno conversador — desde quando ela alterava os insuportáveis dramas de Rehegaray com o nosso teatro clássico: Calderón, Lope de Vega, Velez de Guevara, autor duma grande peça *Reinar después de morir*, em que se dramatiza maravilhosamente a dôce lenda portuguesa dos amores de Inês de Castro. Era uma actriz única, que tinha o talento de se rodear da melhor gente que se exhibia nos palcos espanhóis. Foi na Companhia dela que eu conheci Josefina Blanco, excelente actriz, cheia de sensibilidade e bom gosto, hoje esposa de Valle-Inclán e retirada da scena. O êxito personallíssimo que obteve na *Donna de La Noche del Sabado* ainda se aponta hoje — e já lá vão mais de vinte anos! — como qualquer coisa que honra a história do nosso teatro moderno.

— Então as relações de Valle-Inclán com Maria Guerrero...

— Hram cordialíssimas. Estavam quasi sempre em franco desacôrdo, como dois bons amigos que se estimam mutuamente e mutuamente respeitam, estima que da parte da Guerrero só terminou quando o inquieto D. Ramón, aliás com indisentível direito, criticou violentamente o trabalho do filho, que também se dedicou ao teatro. Mas até aí davam-se muito bem. Ela chamava-lhe *La fiera*. A sua *La Marquesa Rosalinda*, foi estreada com grande êxito pela saudosa actriz. Por sinal, que *La fiera* também fez das suas. Quando da montagem da scena, feita a propósito e adequada ao ambiente da obra, solicitou-se, naturalmente, a opinião do autor. Ainda a luz do palco estava apagada, e já êste repelia os scenários por impróprios e inadequados. *Falta-lhes arquitectura, sentido estético — dizia. — Isso não pode ser assim!* E não ponde ser assim. Para não se contrariar a vontade de Valle-Inclán, que naquela casa era respeitadíssima, teve que se deitar mão de scenários antigos, duma outra obra — não fôsse a *fiera* arregarhar os dentes...

— Havia na peça uma determinada scena que Fernando Dias de Mendoza, contra a opinião de Maria Guerrero, sua esposa, considerava pouco a propósito para a assistência de *los sabados blancos* ao «teatro de la Princesa», propriedade do glorioso casal e onde êle conquistou os aplausos mais entusiásticos e sinceros da sua

vida artística. E Valle-Inclán apoiava: — *Deve ter razão. E um público de imbecis e cabotinos que não sabe compreender nem ver as coisas mais intuitivas. Nem vocês calculam com que prazer dou eu os meus passeios pela Calle de Alcalá, aos sabados à noite, livre de idolos e de inoportunos. Parece que todos se reúnem na «Princesa».* Maria Guerrero ouviu, calou-se, remoeu e reservou a resposta para a primeira oportunidade. E a primeira oportunidade chegou certo sabado em que a bíblica figura de D. Ramon entrava no *saloncillo* do Teatro de la Princesa, no preciso momento em que se ouvia uma estrondosa ovação.

— *Oiga, fiera!* — salta a Guerrero, delectando-se na vingança — *Sabe o que é aquillo?* O mestre encolhe os ombros. — *Ah! Não sabe! Pois olhe: é esse público imbecill dos meus «sabados blancos» aplaudindo a «nossa scena de «La Marquesa Rosalinda».* — *Não admira! Vocês reforçaram a claqué!* — remata como um tiro D. Ramon Maria del Valle-Inclán y Montenegro.

Rivas Cherif é muito conhecido em Lisboa, especialmente entre os nossos homens de letras, de quando af esteve como director-artístico da Companhia de Mimi Aguglia. A famosa actriz italiana, que o público português fez sua favorita, é agora o tema da nossa conversa.

— Que impressões trouxe de Portugal?

— Admiráveis. Fomos muito bem acolhidos. Do público de Lisboa posso-lhe dizer que é mais

fino e agudo que o público de Madrid. Assisti à inauguração do *Teatro Novo*, uma espécie de *Caracol* lisboeta, que era dirigido, se não estou em erro, pelo António Ferro. Foi nesse teatro que tive a grande honra de conhecer Lucinda Simões. Lembro-me até duma fraze dela bastante curiosa sobre as decorações sintéticas do *Teatro Moderno*, cujas excelências eu cantava. — *Sim,* — respondeu com a sua intençãozinha — *muito bonito e muito barato.* Aponte êste pormenor interessante: por encargo de Luís Valdés, primeiro tradutor para o espanhol da *Dama das Camélias*, levei-lhe eu um retrato que lhe havia dedicado aqui em Madrid em 1880, dedicatória que a extraordinária Lucinda revallidou em 1924.

— E de Portugal, não quer nada mais?

— Ah, sim! Afectuosas lembranças às minhas gentis amigas Amélia Rey Colaço, Virginia Vitorino e Fernanda de Castro, e dois grandes abraços: um para o dramaturgo Carlos Selvagem e outro para o actor Alexandre de Azevedo.

— A *Ilustração* encarrega-se disso. Fique descançado.

— *Muito obrigado!*

Não nos desviemos do teatro espanhol. Rivas Cherif está um pouco mais forte nas coisas daqui.

— Gregório Martínez Sierra?

— É um pseudónimo de D. Maria de la O Lejarraga!...



Curiosíssima foto em que se vê Pio Baroja (à esquerda) e Rivas Cherif representando «Arlequim moço de farmácia» obra do genial escritor da «Juventud y egolatria»

Ante o meu gesto de admiração e surpresa pela estrondosa revelação do nosso terrível amigo, este acentua:

— Não duvide! Gregório Martínez Sierra é um pseudónimo de sua esposa D. Maria de la O Lejarraga, que é quem escreve as obras que lhe apresenta como suas. Já o disse e provei publicamente em Espanha e não é, portanto, um crime de lesa-pátria ir agora descobrir isto a uma nação estrangeira.

— Mas quer-se referir ao autor de *Canción de Cuna*?

— Ao autor?... Sim, a esse mesmo.

— Bem. Então, vamos lá ouvir.

— Isto já vem de muito longe. Ainda eles namoravam. Referindo-se a um *Poema del Trabajo*, creio que assim se chama, com o qual Maria, isto é, Gregório obteve um primeiro prêmio num concurso de contos, que também havia de ser julgado por Benavente, este dizia entre um grupo de amigos com a sua peculiar intenção: «Como se deben querer! Hay mucha afinidad entre ellos! Por lo menos, los cuentos son iguales...». D. Maria de la O Lejarraga também tinha apresentado o seu conteúdo sentimental.

— Isso é *blague*!

— Não é. Repito que já o afirmei em público. De resto, há muitas coisas mais que não dão lugar a dúvidas. Certa noite, lia-me ele na presença da esposa um capítulo dum romance. Concluído este, começou a narrar a acção do capítulo seguinte, já pensado mas ainda por escrever. Quando ia no meio do relato, Maria interveiu: «*Estás enganado! Não é assim! Não te lembrás que o modificámos?*» Ainda quer mais?

— Porque não?

— Então ouça. Por incumbência sua fiz aqui há anos uma tradução duma comédia inglesa, que lhe entreguei juntamente com a adaptação de *Pepita Jimenez*, o conhecido romance de D. Juan Valera. Daí a pouco a comédia estava posta em scena, tradução, segundo os cartazes, de D. Gregório Martínez Sierra.

— E a *Pepita Jimenez*?

— Para a relaver tive que levar o caso aos tribunais.

— Perdão! Os senhores estão de relações cortadas?

— Estamos, sim; mas por causas alheias ao teatro e à literatura. Não julgue que, por isso, cometo a insensatez de confundir o firme valor dessa maravilhosa actriz, que é Catalina Barceña, com o valor artístico desse refinado estilista, a cuja direcção está hoje submetida. Para ela todo o meu respeito e fervorosos aplausos. Para ele... Olhe! Quere outra?

— Já agora...

— O *Pavo Real*, de Eduardo Marquina, foi feito por um argumento que lhe forneceu Mar-



Fifi Morano, notável e linda actriz de comédia

tinze Sierra. Marquina, que além dum grande poeta é um homem leal, propôs logo que a obra se apresentasse em público com o nome dos dois, em colaboração. Gregório, como nesse momento se sentisse invadido por um generoso impulso, não consentiu em tal e só transigiu na parte que se relacionava com os direitos de autor. Lá os seus 50 %... recebê-los-hia. Mais tarde, Valentin de Pedro, o tradutor para o castelhano das obras de Leonardo Coimbra, Raúl Brandão e Teixeira de Pascoais, veio a descobrir que o argumento — só o argumento, não confunda! — estava plagiado dum trecho literário duma revista norte-americana, trecho que se publicava porque se atribua a Oscar Wilde... Que lhe parece?

— Não me parece nada.

— Quer a última?

— *Gracias*. Basta.

— Aqui tem uma curiosa fotografia de Pio Baroja quando era actor no *Mirlo Blanco*! — diz-nos o incansável conversador entregando-nos a interessantíssima foto que hoje se arquiva nestas páginas.

— E que era isso do *Mirlo Blanco*?

— Um *Caracol* íntimo, ideia de Carmen Movet de Baroja, esposa do pintor Ricardo Baroja, magnífico e original southador, que tenciona chegar a Lisboa, em barco da sua invenção, tomando as águas do *Manzanares* no porto da *Bombilla*.

O plano do grande pintor merece artigo à parte. Desde já nos comprometemos a êle.

— Faziam-se nele obras de Valle-Inclan e de Pio Baroja — continua Rivas Cherif — neste retrato está o autor de *El Arbol de la ciencia*, interpretando comigo uma scena do seu *Arlequin, mancebo de botica*.

— E D. Pio em funções de actor?

— Tomava muito a sério o seu papel. Como êle se zangou quando Ortega y Gasset lhe disse que tinha escrito uma peça à sua medida!...

— E de Teatro moderno?

— Em Espanha, nada mais que ensaios e boas intenções.

— Azorin?

— É um grande escritor, um bom amigo, mas quanto a teatro... Por vezes as suas atitudes literárias assemelham-se às suas atitudes políticas. Devo, porém, abrir uma excepção e a favor duma mulher, que é o único valor positivo, dentro da fauna artística espanhola, de scena verdadeiramente moderna: Antónia Mercè «Argentina». Os seus *ballets*, música de Splá e Gustavo Duran, com decorações de Bartolozzi e Nestor são qualquer coisa que marca dentro dos modernos movimentos inovadores das artes scenicas. É hoje, sem dúvida alguma, a actriz

detentora do melhor público parisiense. Basta dizer-lhe que, nesta temporada, vai estrear-se na Opera Cómica de Paris, «La Ibéria», de Albeniz.

— Crise teatral?

— A que sempre houve. Quando não há o eterno divórcio entre autores e empresários, há o eterno entendimento: o empresário com os olhos fitos na bilheteira e o autor a levar-lhe o público pela rua mais próxima...

— E actores?

— Quanto a actores, em Espanha dá-se um caso único no mundo; tem um meio que se pelam à convivência do intelectual e do literato... Consciência da sua inclinação, talvez. Diga-me você, se nas nossas *tertúlas* já encontrou algum actor? Exceptuando Carlos Martínez de Baena e Gomez de la Vega, actor mexicano, que toda a Lisboa conhece, não me aponta nenhum mais.

— Mas ainda há bons actores?

— Por puro instinto. Os bons que ainda nos restam proveem todos do *género chico*: La Membrives, Maria Pálon, Leocadia Alba, etc. Coisa parecida se dá com alguns autores. Los Quintero, por exemplo, que, de passagem se diga, embora pese à sua amabilidade e simpatia, no que se refere a ajudar os outros não chegam a ser tão benévolo como os toureiros — perderam o seu teatro com a decadência do *género chico*, o único que eles sentiam e sabiam fazer. A prova é que, quando se metem a fazer a alta comédia, sai-lhes uma «coisa» desproporcionada e sem normas próprias, porque as únicas normas e proporções que eles sabem empregar são as do *género chico*.

— Ficamos por aqui?

— Vai já. Não esqueça o nome de Fifi Morano, filha do grande actor Francisco Morano, que tem verdadeira intuição cômica; Irene Lopez Heredia, outra actriz com grandes condições, um pouco prejudicada pelas preferências melodramáticas de Ernesto Vilches — o único grande actor do mundo que não tem repertório; Carmen Moragas, de quem tanto havia a espe-



Mimi Agullia, na sua mocidade em «A inimiga»

rar, se não tivesse desprezado os palcos por outros palcos mais altos, etc...

Das anedoctas, incidentes e peripécias que conton Rivas Cherif o leitor faz o juizo que lhe apeteecer. Nós já fizemos do nosso. Se algum dia os meus designios dos fados dessem com os nossos ossos nos dominios de Talma, este travesso e simpático mocinho não entrava, com certeza, no nosso camarim...

NOVAIS TEIXEIRA.



Catalina Barceña quando se estreou no Teatro Lara de Madrid



MOINHOS DE VENTO (MONTEDOR — VIANA DO CASTELO)

(Cliché Aureliano Carneiro).

menino novo

por TOMAZ BORRÁS

Quando aquele ser informe sentiu que tudo era claridade em volta, e que dentro de si qualquer coisa inexprimível lhe dava movimento, recebeu de repente a grande revelação: «Acabo de nascer! É a vida!» O menino quiz lançar um grito de saudação e júbilo; saiu-lhe um vagido ténue e gemebundo, como um balido dum cordeirinho.

Ouviu-se uma voz abafada, voz de pessoa aflita: «Que se cale, pelo amor de Deus!» Uma mão oprimiu-lhe a bôca, feriu-o um resplendor vivíssimo, sentiu-se envolto numa matéria branda e sepultado em infinitos abismos de escuridão e silêncio. Houve barafunda naquele quarto, cochichar, idas e voltas apressadas, cólera nas vozes, pranto reprimido. O menino foi levantado com a sua faixa, notou que o embalavam, um doce tacto de pés que pisam, frio depois, que o levavam sempre suspenso, para ficar, por fim, sôbre qualquer coisa dura; aquilo girou, fazendo girar o menino sôbre si mesmo e ouviu claramente: «Outro!»

— dizia uma freira. — Seis criancinhas. Coitadinhos! Se vocês soubessem onde vos meteram!»

O menino, ao ouvir isto, abriu muito os olhos. Onde o teriam metido? Uma triste luz amarelada mal iluminava um círculo da sala. Enquanto uma freira lia, a outra levava-o para um sítio branco e quentinho. No berço não cabiam todos e a freira pegou nos outros três, que se remexiam e agitavam as mãos, apertando-os contra as grades para dar lugar ao novo companheiro. Meteu-lhe na bôca um tubo de borracha untado de açúcar, e os quatro bonecos ficaram no berço, abrindo os olhos, empacotados nas suas fraldas, como larvas idênticas umas às outras, com as cabeças de péla imóveis.

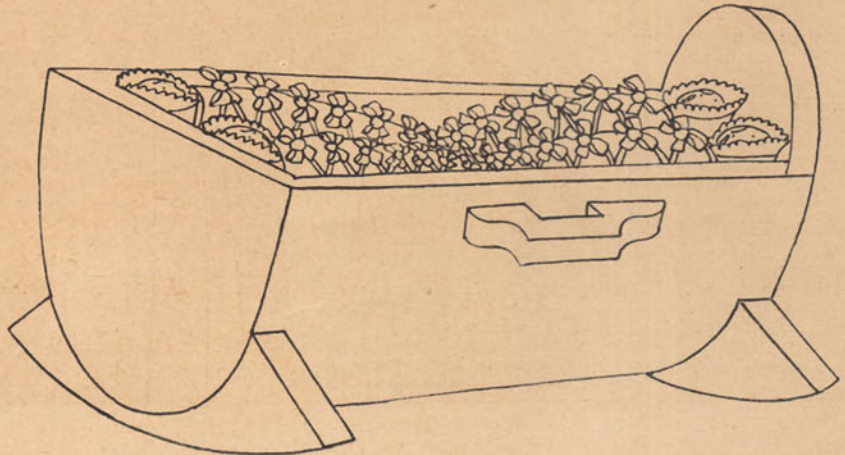
Despiram-no, revistaram-lhe a roupa e tornaram a vesti-lo. O menino nem a chorar se atrevia. Aquela noite, na Roda, havia muito que fazer. Não deixavam de chegar inquietos. «Vejam o vício que anda pelo mundo!

Falaram entre si.

O «novo» sentia tanta alegria que, se não fôsse pela mamadeira, romperia a imitar o



ALMADA



ILUSTRAÇÃO

glu-glu do flautim e as nasalidades e gritos dos meninos. Os outros, ao verem o cântico à vida que brotava de tóda a sua alminha, deram-lhe conhecimento de tudo.

— Tu, como nós, não tens nada que te regosije. Segundo parece, causaste tão grande transtôrno e vergonha aos teus, que a esta hora, certamente, te maldizem. És a deshonra e a dôr. Tua mãe, quando sentiu que lhe estorvavas no ventre, assaltaram-na furores de loucura e as lágrimas abrasaram-lhe os olhos. Que angústia ia no seu coração apavorado! Nascestes tu, morden a sua própria carne para abafar os gritos, e mandou-te arrojara aqui antes de que nem o ar te visse.

Outro menino disse-lhe: — Isto é a Roda. Há freiras, há damas de Honra e Mérito, administradores, zeladores, médicos, enfermeiros, senhores do Conselho administrativo, senhores da Junta de Beneficência e amas de leite. A tua entrada aqui, como a nossa, significa um transtôrno para todos êles. Vimos muitos, de cada vez vceem mais, e isto cria-lhes conflitos. Os senhores conselheiros não podem entregar a vossa esmola aos senhores deputados. Estes, por sua vez, não a entregam às senhoras da Honra e do Mérito! O administrador, portanto, tem que se reduzir, os zeladores recebem menos comissão e às amas de leite já não toca nada. Isto é sujo, pequeno e lóbrego, e as doenças—os homens não as vêem, mas nós sim; vê-las pelas paredes—enchem as salas e vão-nos devorando. Amanhã de manhã pegam em ti, e depois de verificarem que «já» tens tuberculose, avariose, escrófulas ou raquitismo, metem-te em berços hediondos, com outros companheiros que têm raquitismo, escrófulas, avariose ou tuberculose. A tua ração será um pouquinho de leite com umas gotas de laudano para que durmas, e água contra a sede.

O terceiro menino continuou:

— Pode ser que vivas a pesar de tudo, e então passarás à Roda do Hospital. Serás o João Engeitado, e isto é uma triste e irremediável pena. A pena roer-te há e far-te há humilde como um cão, ou um malvado. Vestirás uma blusa, comerás sopas com pimen-

tão e não serás nunca menino, nem chegarás, em homem, a ser o Homem. Quando morreres de velho terás uma história espúria, vil e negra.

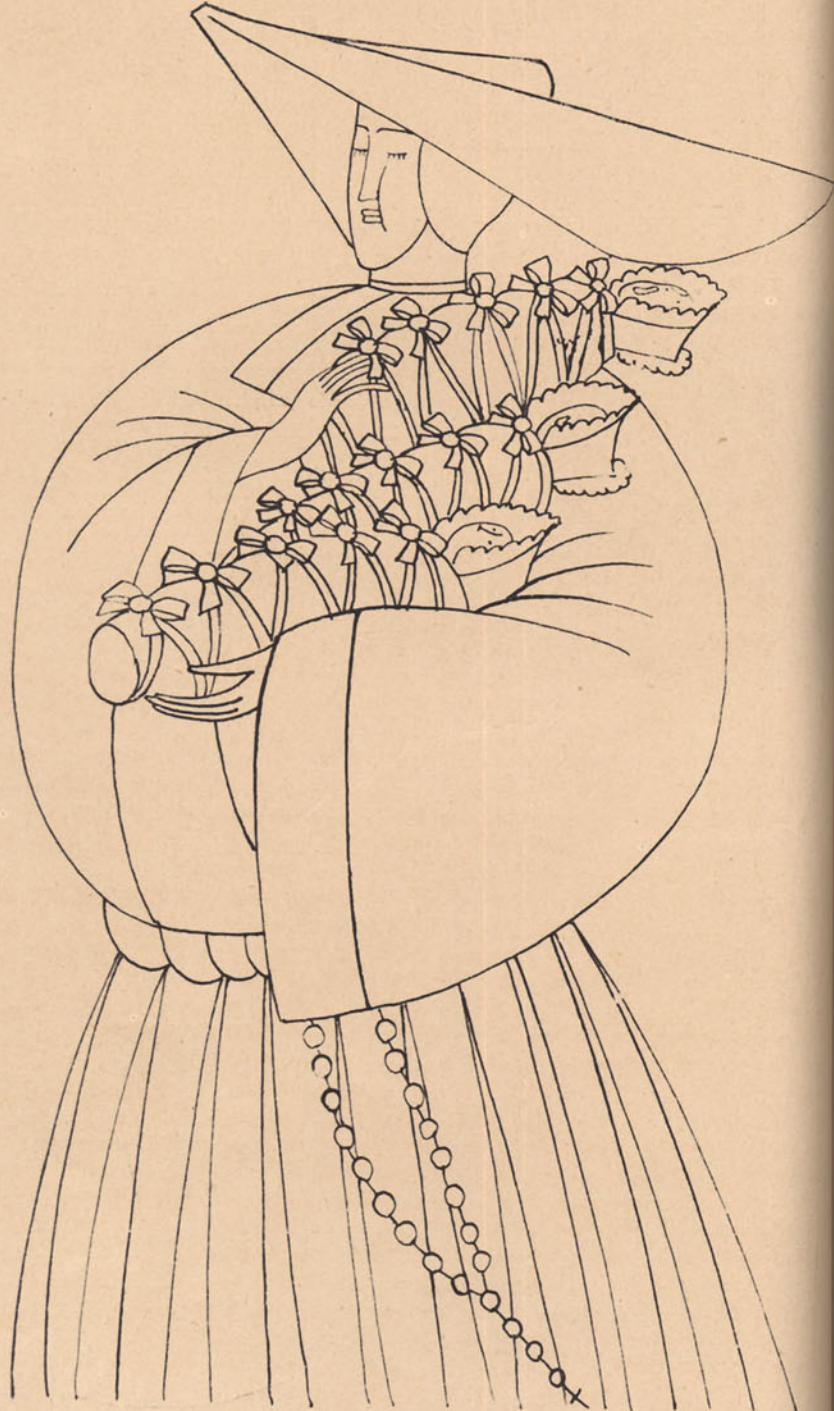
*
* *

Então o menino «novo» soube pelos outros que todos tinham resolvido suicidar-se, para

evitarem a sua vida. Caiu, sôbre a sua alma uma infinita lástima de si. Atiron a maldadeira ao chão, meteu a cabeça no seu abandono sem esperança, e deixou-se morrer, como os outros três...

(Exclusivo da tradução portuguesa para a «Ilustração»)

DESENHOS DE
ALMADA NEGREIROS



VIDA CIENTÍFICA

A FOTOGRAFIA AÉREA

Talvez não seja muito boa a designação de «fotografia aérea» aplicada à fotografia que se tira de bordo dos aviões sendo objecto dela a superfície terrestre. Mas é uma designação simples, curta, cómoda, e por isso a empregamos neste singelo artigo.

As necessidades da guerra devemos os progressos da aviação e, com estes, os da fotografia aérea. Merece de ela puderam os exércitos conhecer as posições e deslocamentos das tropas inimigas, de modo que a importância da aviação militar consistiu possivelmente mais no desempenho dêsse serviço de informações do que no arremesso de engenhos destruidores. Aperfeiçoaram-se então os aparelhos fotográficos usados antes da guerra, criou-se o aparelho 13×18 com objec-

tivamente, a fotografia aérea está sendo usada com o maior proveito em cartografia, reconhecendo-se-lhe as seguintes vantagens: rapidez de execução, economia, precisão e abundância de minúcias dignas de interesse.

Os franceses já pensaram em empregar a fotografia aérea, pondo de colaboração o engenheiro, o geômetra, o architecto e o aviador, para a reorganização do cadastro geral das propriedades



Vista panorâmica de Nîmes



Vista de Mônaco e Monte-Carlo

tiva de $0^m,26$ de foco, e isto bastou para os primeiros tempos. Mas a luta contra os aviões intensificou-se; estes tiveram de proceder ao seu serviço de reconhecimentos, isto é, de tirar fotografias, a 2.000 metros de altura, depois a 4.000 e mais. Arranjaram-se então aparelhos 18×24 com objectivas de $0^m,50$ de foco, por fim de $1^m,20$. Ao terminar da guerra fazia-se já cinematografia aérea — filmes contendo 100 a 200 fotografias.

Passou a guerra, e logo se pensou em aplicar os progressos da fotografia aérea aos trabalhos pacíficos. Fizem-se então fotografias panorâmicas de cidades, de portos, de terrenos, com aplicações várias dentro da geografia física, da geologia, da exploração agrícola, etc., etc. Pela fotografia aérea se reconhecem as erosões e estratificações dos terrenos, os traçados das costas marítimas e em preamar, os canais praticáveis nos estuários, os bancos de areia, a disposição de parques, propriedades rústicas, estabelecimentos industriais, aglomerados de habitações. Pre-

há várias disposições que permitem obter esses planos, consistindo uma delas no emprego de uma lanterna especial de projecção em que o cliché, a objectiva e o plano de projecção podem tomar, respectivamente, quaisquer posições no espaço. Dados três pontos de triangulação do terreno, tudo se resume em fazer coincidir com os pontos que lhe correspondem no plano de projecção as respectivas imagens do cliché. Assim se obtém uma representação planimétrica na escala que o cliché representa relativamente ao

terreno fotografado. Entre os trabalhos de fotografia aérea a que se pode chamar colossais, sem culpa de exagêro meridional, figuram os efectuados recentemente pela aviação norte-americana. Na região do Colorado há terrenos betuminosos a que os americanos chamam a sua reserva de óleo mineral. São planaltos de 2.500 a 3.000 metros de altitude, com declive rápido descendo das Montanhas Rochosas para o Pacífico, e apenas acessíveis por raros e difíceis atalhos. Fêz-se a cartografia dêsse contrafortes desérticos, na extensão de 26.000 hectares, e mais 48.000 hectares de terrenos em volta. Trabalho semelhante foi efectuado, também pelos americanos, na península de Alaska.

Para trabalhos necessários planos com escala, o que se não exigia nos reconhecimentos em campanha. Devemos à guerra estes progressos materiais e muitos outros. Pena é que fossem alcançados à custa de tantas vidas, de tantas misérias e, ao que parece, de perdas consideráveis sob os pontos de vista moral e social.

Mas, enfim, na verdade, já nos alivia um pouco que alguma coisa de útil dela tenha saído.

F. MIRA.



Primeiros contrafortes da grande «Mesa de Piedra» de Colorado que desce das Montanhas Rochosas até às costas do Pacífico



...E SE FIZESSEM EM PORTUGAL O HOLLYWOOD DA EUROPA?

REPORTAGEM IMAGINARIA À CINELAN-
DIA PORTUGUEZA NO ANO DE 1947

Esta ideia de fundar no nosso país a capital do filme europeu — não é original...

Por duas vezes estrangeiros a visionaram e a defenderam: Enrik Büssler — no Kinematograf de Berlim, em 12 de Agosto do ano passado e Le Filmeur, no Cine-Cine de Paris, pouco depois.

A indústria cinematográfica está nitidamente dividida por uma única fronteira: o Atlântico.

A América do Norte só por si, com o exército de cifras das suas estatísticas esmagadoras, ameaça a Europa. Na Europa sete países mobilizam todos os seus recursos para formar uma frente única contra os yankees: a Alemanha, a França, a Inglaterra, a Suécia, a Dinamarca, a Áustria e a Itália. Três pequenos produtores não-internacionais tentam enfileirar-se no exército de defesa: a Espanha, a Roménia e a Holanda.

Antes da guerra, os Estados Unidos dispersavam os seus studios... Havia-os em New-York, New-Jersey, em Chicago, em Boston, em Filadélfia e em S. Francisco. As irregularidades do clima, todos os prejuízos de uma luz inconstante, nos exteriores, necessidade constante de deslocamentos das tropas para regiões favoráveis e sobretudo, a falta de unidade, de cooperativismo — «passez le mois» — a escassez de terreno — lançou, pouco a pouco, os studios numa corrente de emigração para as costas do Pacífico, onde o sol era mais generoso, a paisagem variada e cosmopolita, o terreno fácil e espaçoso... Ao princípio, a povoação escolhida foi Los Angeles. Mas deu-se logo um fenómeno que veio prejudicar o primitivo plano dos cinematografistas americanos. É que Los Angeles, aldeia de pescadores, havia pouco, transformara-se, com a velocidade de uma sobreposição de filme, numa grande cidade. Toda a fauna dos que viviam da arte do silêncio ou dos que a ela pretendiam pertencer, ao lerem conhecimento que em Los Angeles se agrupavam algumas dezenas de estúdios, tomaram de assalto os expressos e ei-los, em multidões, na ex-aldeia. Na América, as grandes ruas, as quilométricas avenidas, os hotéis-mundos, os agigantados «arranha-céus» nascem espontaneamente logo que lancem à terra a semente-homem. Se no meio do Texas surgir uma caravana de mil indivíduos — na semana seguinte, sobre as areias desse deserto surgirá uma pequena New-York, com cabarets, teatros e carros eléctricos.

...Ora como os cinematografistas vinham fugidos, precisamente, das grandes cidades, tomaram o caminho dos arredores e neles fundaram a autêntica cinelândia: Hollywood.

Actualmente Hollywood possui perto de du-

zentos estúdios e dá trabalho a mais de cem mil pessoas.

As vantagens da centralização da Indústria cinematográfica americana não se fizeram sentir apenas na técnica dos filmes: trouxeram-lhe, sobretudo, vantagens económicas e velocidades inesperadas na sua evolução.

Qualquer metteur-en-scène, em Hollywood, pode apetecer a lua que se reflecte na água dum poço — porque a vontade lhe será satisfeita, sem demora. Quer vinte mil homens que saibam montar a cavalo? Quer uma paisagem que recorde o postal azul de Nice? Quer uma cidade esconsa e lortuosa do Riff? Quer um jardim fantástico de Osaka? Quer dar ao filme uma ilusão do deserto, do polo do Norte? Uma batalha naval? Versalites? Monte-Carlo? Corsários? Submarinos? Tudo existe à falta e em cooperativas, na mitagrosa Hollywood!

Os cinematografistas europeus, em luta rude e aberta com os de Além-Atlântico, encontram-se dispersos; encontram-se, como aqueles se encontravam antes de 1915.

Fazem-se filmes em Paris, Londres, Berlim, Stokolmo, Copenhague, Viena e Roma. Tirando Roma — lódas as outras cidades são sombrias, quasi infilmáveis, em grandes períodos do ano. É no esforço de grande produção, Paris, Berlim ou Londres podem contar com capital de recursos materiais e humanos limitado a uma indús-

tria nacional, muito inferior à do concorrente da América.

A ideia de agrupar todos os estúdios europeus numa zona neutra não é, repilo, inédita. Os franceses tentaram fazê-lo em Nice, chamando, à Costa Azul, os cinematografistas Ingleses e austriacos e até dinamarqueses. Mas o album de paisagens e aspectos de Nice contém poucas folhas. Foi esgotado em pouco tempo.

Depois houve quem alvitrasse a Itália — e os alemães e austriacos acorreram, entusiásticos, a sorzer, com as suas prise-de-vue, o belo sol de Roma. Mas logo constalaram o erro: a Itália também queria produzir; a Itália era um concorrente; tinha uma personalidade cinematográfica própria. Aproveitá-la para a aliança industrial do filme europeu era um perigo para os outros países.

...É circunvagando a vista pelo velho continente — ressaltá logo Portugal como uma Califórnia europeia. Luz a jorros, facilitando, durante quasi todo o ano, a filmagem de exteriores; paisagem cosmopolita — desde as visões marroquinas do Algarve, até as neves das serranias; praia e campo; bosques, fricos intermíndicos de aguarelas; e, sobretudo, país neutro em cinematografia que, por todos e por igual, dividiria o seu tesouro...

Mais tarde ou mais cedo Portugal será o Hollywood da Europa. Quando?

CARTA E IMPRESSÕES DUM CINÉFILO DE LUANDA QUE VEIO EXPRESSAMENTE AO CONTINENTE PARA CONHECER OS SEGREDOS DA CINELÂNDIA

LISBOA, 5 de Maio de 1948

Meus caros confrades:
Luanda.

Não é matéria fácil moldar na redacção estreita de uma carta — tudo quanto de maravilhoso a minha retina acaba de fixar. E a minha missão é tanto mais árdua quanto é certo que, a estas horas, todos os cinéfilos de Angola aguardam, com a impaciência de crianças frente à porta de um circo, que a minha reportagem passe ao chumbo das linotipias da «Revista-Filme»...

A influência da Cinelândia não atinge apenas os arredores do local onde os portugueses

fundaram a capital da cinematografia europeia. Lisboa é enlaçada pelas serpentinias imensas de ecluidoite que na Cinelândia se impressionam e bafejada pelo hálito vigorizador da sua actividade e fortuna.

Pode dizer-se que hoje, Lisboa, é electrizada e alimentada em grandezas civilizadas pela Cinelândia. Os meus caros confrades recordar-se hão de certo dum Avenida Palace e dum Hotel de Inglaterra tidos, ainda há vinte anos, como as melhores hospedagens da capital. Actualmente abrigam apenas os aventureiros que veem de todos os cantos do velho mundo atraídos pela tentação da cidade do filme e que apenas conseguem ser recu-

tados nas fileiras anónimas da figuração. S. Pedro de Alcântara, onde outrora florescia um jardim debruçado sobre a cidade, galga os céus um gigantesco Palace do estilo new-yorkino. Lembram-se do elevador de Santa Justa? Pois da esplanada que o toldava estende-se agora um hotel-aéreo. A Avenida da Liberdade, a rua do Ouro, a rua Garrett, estão complementariamente marginadas de terraços de cafés cosmopolitas e de hotéis.

A população da Cinelândia não vive, de certo, em Lisboa. Reside, fixamente, na própria capital do filme. Lisboa representa o entreposto entre a Europa e a Cinelândia. É a paragem dos que chegam; é o hall de espera dos que regressam às suas pátrias; e é, para os que gozam dumas rápidas férias, a cidade do repouso intelectual e das diversões atordoadoras.

De New-York a Hollywood — a Cinelândia dos Estados Unidos — gastam-se seis a oito dias em vertiginosos expressos; de Paris a Lisboa — são duas dúzias de horas. Para vir de Viena e de Stokolmo, as cidades mais afastadas das que possuem os seus estúdios em Portugal, até a Cinelândia — são três dias de viagem — para quem não quizer aproveitar as carreiras aéreas.

A grafia da população de Lisboa modificou-se tanto como o dinamismo da sua existência. A percentagem dos estrangeiros que nela se destacam alcança, por certo, qualquer coisa como quarenta por cento. A variedade dos seus tipos dá à cidade o aspecto de um *music-hall* de raças... Ranchadas de francesas monótonamente belas, misses inglesas, em séries gêmeas; alemãs bizarras; extravagantes russos e escandinavos; parisienses barbudos; nervosos italianos, pequeninos e com cara de caso; uma exibição completa de todos os rictus, de todos os vincos da gymnástica histriónica...

...O mesmo sucede à variedade de classes e de trajés. Homens de negócios, compradores apressados das super-produções ainda em manufactura; os administradores-delegados das empresas alemãs, francesas, italianas, britânicas, austriacas; *metteurs-en-scène* austeros, cortejados como soberanos, perseguidos como distribuidores de bodos; *vedettes* ostentosas, Cleopatras fascinantes, *brumels* que são cartazes-vivos dos alfaiates que os vestem — e aspirante a «azes», tentando, nas engraxadorias, tapar com o lustre as fendas do calçado a transparentar-se; *midinets* de Leipzig, de Bordeus e de Budapest, que vieram em terceira classe e que já não tem meias para mudar...

A HORA DE PARTIDA PARA A CINELÂNDIA

As cartas de apresentação que trouxe de Luanda conseguiram, para mim, as boas graças do director do *Diário Cinematográfico* — rotativo de trinta páginas que é redigido em cinco idiomas. Chama-se Reinaldo Ferreira.

Pelo telefone foram enviadas para a Cinelândia as gazetas que deviam abrir-me as portas blindadas de vários estúdios.

E quando se despediu de mim o nosso confrade do *Diário Cinematográfico* prevenira-me:

—Vá cedo se quer colher uma das notas mais pitorescas da sua reportagem.

—?

—A do embarque para a Cinelândia.



A Cinelândia está ligada a Lisboa por duas vias: a do caminho de ferro e do *tramway* eléctrico.

Para a primeira tem a companhia comboio de quarto em quarto de hora — saindo da estação monumental do Campo Pequeno. Para a segunda tomam-se uns espaçosos carros eléctricos que partem, de cinco em cinco minutos, da Praça dos Restauradores.

O primeiro sistema de comunicação é o menos aproveitado. Utilizam-no sobretudo para transporte de material. E a viagem é menos rápida: vinte minutos. O *tramway*, que é directo, entra as portas da Cinelândia um quarto de hora depois de ter partido de Lisboa.

O primeiro *tramway* sai dos Restauradores às seis da manhã... Às cinco e meia, hora a que cheguei ao alpendre do embarque, já a bicha era enorme, serpenteando por entre o corredor em que, os passageiros da segunda classe, são obrigados, à força, a seguir a sua ordem.

Os *tramways* para a Cinelândia tem duas classes. A primeira, estofada, abriga umas trinta pessoas; a segunda, sessenta.

A diferença de exteriorização entre os passageiros das duas classes é facilmente notável. Numa vão as estrélas ainda sem auto, os *assistants*, os autores de argumentos, os *regisseurs*, os operadores, os pretendentes com pose e verba para apresentação; na outra os figurantes, os artistas sem categoria, os pretendentes sem capital, os artistas dos *decors*, os electricistas. Mas uns e outros vão sobrecarregados de malas, maletas, embrulhos, como se, em vez de uma viagem de um quarto de hora, se destinassem ao extremo do Continente.

Os seus rostos também oferecem matéria de estudo para um observador. Não revelam vigílias, noites, pândega de *dancings* ou bebericagem pelos bares... Mas os sobrolhos franzem-se, os rostos crispam-se; os olhares fixam-se em extasi... Preocupação? Impaciência? Emoções da incerteza ou da ambição? Talvez... Mas no fundo clareia um sorriso — sorriso de ventura, sorriso de sonho que se julga realidade — ou simplesmente o sorriso de uma grande esperança...

Fui em primeira... Às seis em ponto vibrou o apito do expedidor. Cobram-me o bilhete: cinco escudos...

A manhã ainda não irrompeu por completo... Presente-se o ouro ardente do sol — mas a neblina e alguns farrapos da madrugada envolvem-no, abafam-no...

O carro roda, gemendo nos *rails*, Avenida acima... depois Palhavã... Bemfica... Depois campo marginando de toalhas verdes a estrada que o *tramway*, em plena liberdade, engole, com fúrias vertiginosas...

Tem-se a impressão que mãos invisíveis estão lavando a redoma de cristal embaciado em que nos fecharam... A atmosfera torna-se diáfana... A herva esguicha scintilações douradas... Nos altos dos montículos, alvejam, como frades atarracados e longas mangas erguidas, os moínhos saloios...

A medida que nos aproximamos da Cinelândia diminui a palidez nos rostos que me cercam... Um estranho nervosismo aguilhoa aquela gente... Uns — é a perturbação da vizinhança dum mistério longos anos antegozados; noutros, nos veteranos, é interesse indomável pelo trabalho do estúdio, sempre novo, sempre emocionante...

(Continua)

REPORTER X.

GOMES LEAL

PALAVRAS DE SAÚDE

Passa no dia 29 de Janeiro o 7.º aniversário da morte do grande e infortunado poeta. Eu, que o tinha como amigo e que tantas vezes dêle recebi carinhoso incitamento para prosseguir nos meus trabalhos literários, não quero perder esta ocasião de dizer qualquer coisa, muito simples, mas muito sentida, sobre a sua gloriosa personalidade.

Algumas palavras de saudade, apenas. Dos seus livros tanto se tem dito, que o que eu escrevesse poderia parecer um decalque. Prefiro analisar a sua alma, que se retrata em todos os seus versos.

Gomes Leal foi sempre um insatisfeito e um irrequieto. Saltitava de ideal em ideal, como a abelha de flor em flor. E, como a abelha, sugava de cada ideal o suco raro com que alimentava a sua alma, deixando-a sempre com fome.

Os assuntos dos seus versos são divergentes, como polos opostos.

Tão depressa canta ideais revolucionários, como se entretém com as criancinhas, falando-lhes de Jesus.

Tão depressa se imaginava em loucas orgias de *lord* devasso, como se faz pequeno e humilde, na sua confissão às violetas, em que renega todos os devaneios ruidosos da sua inspiração, e se reconhece simples e ingênuo, como uma criança.

Aos ideais violentos da sua mocidade, foram sucedendo os tesouros de ternura que êle tinha fechado num cantinho recatado da sua alma, para saírem a seu tempo.

E quando os anos lhe foram levando as ilusões sobre a utilidade das ambições terrenas, quando veio o desengano nu e cru sobre amigos e amores, a hora própria chegou, e essa ternura refreada jorrou, em caudais, da sua alma dolorida.

Muita gente censura em Gomes Leal a mudança de crenças que lhe veio com a idade.

Não houve mudança alguma, o que houve foi o que eu já disse: o poeta deixou-se levar pelos entusiasmos da mocidade, pela sede de

glória, mas no fundo êle guardou sempre as ideias que bebeu no leite de sua mãe.

E o seu período final, de um quasi misticismo, explica-se facilmente.

Gomes Leal viveu sempre com sua mãe. Ela tinha para êle os mesmos cuidados, já homem, que lhe dispensava, quando êle era pequenino e brincava nos seus joelhos.

La tólas as noites entalar-lhe a roupa da cama e dar-lhe o beijo de despedida, êsse beijo de mãe que só tem outro de igual doçura, o beijo de um filho.

Enquanto ela viveu, êle julgou-se sempre



O túmulo do grande poeta no Alto de S. João

criança, porque nós somos sempre crianças, enquanto temos mãe, e deixava em liberdade a sua inspiração, sua companheira de brinquedo nas doidas correrias atrás do ideal.

Mas, quando se viu só e entregue ao seu próprio arbítrio, sentiu-se enfraquecer. Êle nunca poderia seguir na vida afoitamente, sem o amparo de sua mãe.

Os seus carinhos, os seus beijos, nunca lhe tinham deixado ver o mundo, sob a sua luz verdadeira.

E quando viu o que havia nele de falsidade, de maldade e de ingratidão, êle retraiu-se, fechou-se como a sensitiva, e passou a viver uma vida tóda interior, onde só a imagem de sua mãe entrava.

E de tanto conversar com a sombra querida, porque êle chegou a ter alucinações que o faziam ver sua mãe a seu lado dando-lhe

conselhos e avisos, êle afastou-se dos homens e voltou-se francamente para Deus.

E que fizeram os homens para chamá-lo a si? Que fizeram para que êle voltasse ao contacto com o mundo? Só isto: em vez de caridade com a sua dor, davam-lhe sarcasmos. Em vez de cuidados, atiraram-lhe pedras.

Que fez o govêrno do seu país, a quem êle tinha dado os fulgores do seu gênio?

Ficou insensível, até que a imprensa o sacudiu e o obrigou a dar-lhe uma esmola para que êle tivesse um quarto e um bocadinho de pão.

Êle, porém, de tudo se alheava, porque trazia no peito a recordação da sua mãesinha e no cérebro o seu retrato.

E isto lhe bastava.

Quando os garotos o apedrejavam, êle aconchegava-se mais na sua sobrecoisa rápida, para ter mais agarrada a si a doce recordação e sofria resignado, porque sua mãe andava com êle.

Quando enfim sua mãe pôde levá-lo consigo, arrancar a sua alma martirizada de tanto ter sonhado em vão, o que fizeram do seu despojo terreno?

Meia dúzia de amigos ou simples admiradores, que sei eu, o acompanharam a uma pobre jazida.

E, se não fôsse a iniciativa do dr. Alfredo Guisado, ainda hoje o triste e glorioso morto não teria um jazigo decente e digno do seu nome.

Mas isso não é bastante, para quem tanto honrou a sua pátria. Isso não chega, para lavar a sua memória da lama com que lhe atiraram aqueles que deviam curvar-se respeitosa e à sua passagem.

É preciso que Gomes Leal tenha uma estátua em Lisboa, que o lembre às gerações vindouras.

É preciso que os corações de todos os portugueses se unam na mesma aspiração de justiça: Emendar erros passados e dar, ao grande Poeta e ao grande desgraçado que foi Gomes Leal, o lugar que lhe pertence no respeito e na admiração da posteridade.

Lisboa, Janeiro de 1929.

MERCEDES BLASCO.



Passatempo

O ANIMAL MISTERIOSO

(Problema)

Um editor acabava de publicar uma obra de história natural e encarregara a certo desenhador a figura de um animal qualquer para gravá-la nas capas. Cumpriu o desenhador o encargo; mas quando o editor recebeu



o desenho, ao abrir o sobrescrito em que ele vinha, deparou com o verdadeiro borrão aqui junto, que não havia maneira de se compreender o que era.

Fôra o caso que o desenhador não tinha deixado secar a tinta, e o desenho transformara-se num borrão. Não havia tempo para fazer outro e o editor estava desesperado quando um dos seus empregados lhe disse que se comprometia a converter a figura estropeada noutra perfeita.

Com efeito, fez no desenho três cortes exactamente da mesma forma, e combinando os pedaços que resultaram, encontrou-se com um animal admiravelmente formado.



O freguês, zangado: — Ando com estes sapatos de vitela há dois meses apenas, e veja o estado em que estão.

O sapateiro: — Meu caro senhor, deve lembrar-se que essa pele esteve na vitela cinco meses; com mais dois, faz sete meses de uso, o que já não é mau.



O professor: — Se me não disser quem desenhou aquela caricatura na pedra, dou-lhe umas poncas de reguadas.

O aluno: — Pois dê, à vontade! Isso não será nada comparado à sova que me daria, se eu o divulgasse, o rapaz que fez o desenho.



— Ele pretende que é seu parente, e diz que o pode provar.

— O homem é doido!

— Isso lá não prova nada, pode ser apenas coincidência.

Helena: — Quando falaste a meu pai, disseste-lhe que tinhas vinte contos no Banco?

Edgardo: — Disse.

— E o que disse ele?

— Pedi-mos emprestados.



Ela: — Olha, Alberto, a criada despediu-se por causa da forma grosseira com que lhe falaste pelo telefone ontem.

O marido: — Tenho pena, filha, mas não foi por querer. Julgava que estava falando contigo.



LABIRINTO



— Olha, Albertinho, gostava de passar um dia inteiro sem ralar contigo nem castigar-te.

— Cá por mim, dou-lhe licença, mãesinha.



O perfeito imbecil: — Oh! minha senhora, permita-me que a felicite pelo seu vigésimo primeiro aniversário de entrada na maioridade.

A QUESTÃO ORIENTAL

(Solução)

Para separar os anéis, coloquem-se na posição representada na figura. Podem, então, ser desligados com a maior facilidade, pas-



sando o extremo curvo de um, por escorregamento vagaroso, para fora do outro. Para reuni-los novamente, colocam-se na mesma posição, e inverte-se o movimento.



— Conston-me que tinha perdido o seu cão, sr. Oliveira, e um cão de tanto valor!

— É verdade, num desastre de caminho de ferro. Eu pude salvar-me e o cão não ponde.

— Credo! Que pena!



O dono da casa: — Seja bemvindo, caro doutor. Então, a sua esposa não veio?

O convidado: — Ora esta! Lá me parecia que me tinha esquecido alguma coisa!

BIBLIOGRAFIA ESTRANGEIRA

SECÇÃO FRANCESA

Le Joueur de triangle, por André Obey. Romance que obteve o Prémio Théophraste-Renaudot. Trata-se do estudo de uma alma juvenil sob a influência da música, assunto este que lhe dá pontos de contacto com *Jean Christophe*, a célebre obra de Romain Rolland. 12 fr. Ensaista, dramaturgo e jornalista desportivo, o autor publicou anteriormente *L'apprenti sorcier* (12 fr.) e *L'Orgue du Slade* (12 fr.).

Chamfort. Maximes et pensées, aneddotas et caractères, eloges. Preciosa antologia da obra do grande moralista francês, com introdução e notas de L. Ducros, da Faculdade de Letras de Aix. Com um retr. fora do texto. 8 fr.

Les Prédéslinés, por Auguste Bailly. Romance de alto relevo literário. Por ele foi concedido ao autor o Prémio Lasserre. 12 fr. *La foi jurée* é o título do romance de Auguste Bailly, igual em valor ao primeiro. 12 fr.

Les Grandes Thèses de la Philosophie Thomiste, por A. D. Sertillanges, D. P., membro do Instituto Francês. Livro oportuno, pela soberana importância que as doutrinas tomistas conquistaram no pensamento moderno. 10 fr.

La Vie Chrétienne Primitive, por Dom Henri Leclercq. Primorosa obra que apresenta sobre o assunto de que o título dá bastante ideia uma série de sessenta ilustrações em heliogravura. Pertence o volume à coleção «Bibliothèque Générale Illustrée». 16 fr. 50.

Le Batelier du Nil, por Elian J. Finbert. Romance que nos pinta o Egipto como uma terra de sonho. 12 fr.

Aspects de la biographie, por André Maurois. Trabalho digno da pena do autor, o qual se encontra hoje na fila dos melhores escritores da França, sobretudo depois da publicação do romance *Climats*. 12 fr.

Claire, au bord de la nuit, por Jean de La Greze. Romance de entreccho emocionante. Delicada análise dum coração feminino. 12 fr.

Monsieur Thiers contre l'Empire, La Guerre, La Commune (1860-1871), por Robert Dreyfus. Dois anos da história francesa, cuja evocação é sempre matéria de curiosidade e até de ensinamento. 12 fr.

La Philosophie de M. Bergson, por René Gilouin. Trabalho que aparece em nova edição no momento em que o célebre filósofo francês obtém o Prémio Nobel, dando assim ensejo a que toda a gente colha uma ideia clara e completa sobre o pensamento de Bergson. 12 fr.

La Jeune Grecque, por A. Dubois La Chartre. Romance escrito de maneira graciosa e perante cujo estilo nos invade a certeza de que quem o escreveu é um escritor de raça. 12 fr.

Dinah Mianl, por P. Mac Orlan. Interessante romance de aventuras. 6 fr.

André Gide. Etudes — Souvenirs — Témoignages: Série de escritos firmados por alguns dos mais ilustres nomes das letras francesas. 20 fr.

Mes Modèles, por Jacques-Émile Blanche. Páginas de memórias literárias, onde se fala de Barrès, Pronst, Gide, Hardy, James, Moore, etc. 12 fr.

Le Fils Improvisé, por Henri Falk. Romance escrito com o dom da alegria e a que foi concedido o Grande Prémio da Academia do Humor Francês. 10 fr.

Madja, por André Breton. Prosa comovente, donde se desprende um vivo aroma poético. 12 fr.

As livrarias AILLAUD e BERTRAND dão gratuitamente todas as informações ás consultas que lhes sejam feitas e fornecem todos os livros nacionais e estrangeiros, sendo estes vendidos ao câmbio do dia

OS GRANDES PRÉMIOS LITERÁRIOS DA FRANÇA



Dominique Dunois



Maurice Constantin-Weyer

Este ano os prémios literários Femina e Goncourt, dois dos mais importantes que em França são atribuídos, couberam, respectivamente, a Dominique Dunois, que é o pseudónimo de M.^{me} Marguerite Lemesle, e a Maurice Constantin-Weyer, um dos maiores criadores da epopéia canadiana. Dominique Dunois foi recompensada pelo seu famoso romance *Georgette Garon* (12 fr.), cujo conflito, deceraz intento e audacioso, se desenvolve na prosa segura que já as obras anteriores da escritora, na sua maioria aplicadas a retratar-nos as juvenis burguesas da província, apresentavam. Eis os títulos de algumas dessas obras, todas em edições com o preço de 12 fr.: *L'Épouse*; *Le Faune*; *Lucile, cœur éperdu*; *Le pauvre désir des hommes*; *Leurs deux visages* e *L'amant synthétique*.

Maurice Constantin-Weyer, grande invadido de guerra, conseguiu a eschola do suri Goncourt com o romance *Um homme se penche sur son passé* (12 fr.), obra que reflecte uma agitada vida de colono, ora agricola ora caçador. Em todos os seus livros precedentes, tecidos, como o actual, de poesia e verdade, o elemento predominante é constituído pelo que o próprio autor viu e passou nas regiões semi-selváticas do Canadá. Esses volumes anteriores denominam-se: *Manitoba* (10 fr. 50); *La Bourrasque* (10 fr. 50); *Cinq éclats de silex* (10 fr. 50); e *Cavalier de la Salle* (12 fr.).

Machiavel. Pages Choisies. Reler o célebre autor é da maior oportunidade nos tempos de hoje. O volume tem uma introdução e notas de Alfred Mortier. 12 fr.

Ah! Plaise-Moi..., por René Boylesve. Romance dum seguro talento, que a morte arrebatou há pouco. As suas páginas dão-nos bem a medida do poder feiteiro da mulher. 9 fr.

Vie d'Arlagan par lui-même. Volume pertencente à coleção «Mémoires Révélateurs». Páginas curiosíssimas, sobretudo para quem leu já *Os três mosqueteiros*, de Dumas. 12 fr.

Les Romantiques à l'Académie, por Paul Souday. Interessantes páginas de crítica, dum dos mais autorizados críticos literários da França. 12 fr.

Amour, Terre Inconnue, por Martin Maurice. Romance psico-fisiológico, rico de poder analítico. O adultério, mas visto sob um aspecto novo. 12 fr.

Beaumarchais, le brillant armateur, por Roger Lafon. Livro que interessa de ponta a ponta. É uma vida intensa, variada, viril, a que ele descreve. Instrui e diverte. 12 fr.

SECÇÃO ESPANHOLA

Feminismo y Sexo, pelo dr. Vital Aza. O problema feminista posto com dados novos e obediências a um alto sentido de justiça. 4 ptas.

Libertad de Amar y Derecho a morir, pelo Prof. L. Jiménez de Asúa. Obra que muitos encaraão como revolucionária, pelos seus arrojados pontos de vista, expendidos, porém, pelo autor com inteira convicção. 5 ptas.

El Instinto de la muerte, pelo dr. R. Noyo Santos. Uma intelligência forte analisando um dos temas favoritos do espirito humano. 4 ptas.

La Vida, el sexo y la herencia, pelo dr. Juan J. Barcia Goyanes. Outro dos grandes problemas humanos, versado, na multiplicidade dos seus aspectos, por um espirito sagaz e culto, excelentemente informado sobre a matéria. 8 ptas.

La organización internacional del trabajo, por António Fabra Ribas, com um prólogo de Albert Thomas. Exposição e comentário, metódica e lúcidamente feitos, de tudo quanto, até à última Conferência de Genebra, ficou estipulado sobre o momentoso assunto. 5 ptas.

Nacionalismo y hispanismo, por E. Gómez de Baquero (Andrenio). Análise minuciosa e intelligente das relações, nos seus vários aspectos, existentes entre a Espanha e as nações americanas.

El sentido humanista del socialismo, por Fernando de Los Rios. Obra digna do sábio professor da Universidade de Granada. Numa prosa bela, elle emite a sua opinião sobre o socialismo. 7,50 ptas.

Una Vida Anónima, por Julián Zugazagoitia. Sob a forma de novela e em ar despreocupado, estas páginas põem-nos ao facto dalguns dos mais importantes episódios da luta social em Espanha. 5 ptas.

TRADUÇÕES PORTUGUESAS DE VÁRIOS LIVROS ESTRANGEIROS

A Irmã de S. Sulpício, por A. Palácio Valdés, que é uma das mais ilustres figuras das letras espanholas contemporâneas. Trad. de David de Carvalho. Novela de intenso interesse de leitura, pelo que nos desvenda da vida íntima dos conventos de Espanha e, sobretudo, pela ladina figura de rapariga em volta da qual faz girar a acção da obra. 10\$00.

O Vale dos Homens Silenciosos, por James Oliver Curwood. Trad. não assinada. Perto de 300 páginas repletas de episódios aventureiros, em regiões solitárias e que a neve cobre e onde a heroicidade tem de ser cotidiana. 10\$00.

A reabertura do Paraíso Terrestre, por Clément Vautel. Trad. de Oldemiro César. Novo volume da «Coleção de Hojes», cheio de comentários sarcásticos a uma sociedade de perversos e cabotinos, que é a actual. Pintura onde o realismo cru se mistura à caricatura. Como todos os livros do autor, é de molde a agradar ao público. 10\$00.

Chamas de veludo, por Maurice Dekobra. Trad. de Alexandre do Amaral. Romance muito variado de cenários e escrito ao sabor da época de hoje, com personagens que o vício conhece de perto. Inaugura uma «Coleção de Amanhã». 10\$00.

«REVISTA DE LAS ESPAÑAS»

O último número desta conceituada revista de aproximação ibero-americana traz colaboração de E. Gómez de Baquero, E. Giménez Caballero, Benjamin Jarnés, etc. Um dos seus artigos mais curiosos é o de *Las Cuevas de Altamira*, que nos dá noticia dumas pinturas primitivas encontradas nas vizinhanças de Santander e que são hoje objecto da atenção dos meios científicos.

ASSINATURAS DA «ILUSTRAÇÃO»

	Trimestre	Semestre	Anual		Semestre	Anual
CONTINENTE E ILHAS...	22\$00	43\$00	84\$00	ESPAÑIA...	47\$00	92\$00
Registados...	24\$40	47\$80	93\$60	Registados...	51\$80	101\$60
AFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL...		49\$00	96\$00	BRASIL...	52\$00	102\$00
Registados...		53\$80	105\$60	Registados...	61\$60	121\$20
INDIA, MACAU E TIMOR...		53\$00	104\$00	ESTRANGEIRO...	63\$00	124\$00
Registados...		57\$80	113\$60	Registados...	72\$60	143\$00

NÚMERO AVULSO 4\$00

depois
da festa

"SAL de
FRUCTA"

ENO

"FRUIT
SALT"

Teve um lauto jantar? Regressou tarde a casa para se deitar, com o estomago e cabeça pesados? Antes de ir para a cama tome uma colher das de café de Eno's "Fruit Salt", num copo de agua. A frescura da sua efervescencia matar-lhe-ha a sede. E, sobretudo, o Eno ajudará e facilitará a digestão, evitando os bocejos e dôres de estomago, e assim conseguireis dormir dum somno absolutamente tranquilo.

Exigi sempre a marca
ENO'S "FRUIT SALT"

As palavras "Fruit Salt",
"Sal de Fructa" e "Eno" são
marcas da fabrica registadas.

Depositarios em Portugal :

ROBINSON, BARDSLEY, & C^a. LTD. 8, Caes do Sodré, LISBOA

O Espirro
é sempre ridículo...
e perigoso!



Emmerico



Evite-o, pois, o mais possível.

Para irritar as mucosas nasais, bem basta o ar frio que V Ex.^a respira fora de casa. Respire a menor quantidade possível de ar frio. Leve para casa a temperatura da Primavera. Compre hoje mesmo um Calorifero da Vacuum e ponha-o a funcionar com o combustível apropriado, o

Petroleo
SUNFLOWER

VACUUM OIL COMPANY

ROCIO 67

Telef N 3075